

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA

BRUNA BÁRBARA PROENÇA OLIVEIRA SILVA

MULHERES NOS ESPORTES DE COMBATE EM CURITIBA-PR



CURITIBA

2015

BRUNA BÁRBARA PROENÇA OLIVEIRA SILVA

MULHERES NOS ESPORTES DE COMBATE EM CURITIBA-PR

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do Título de Mestre em Educação Física do Programa de Pós-Graduação em Educação Física, do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: PROF DR FERNANDO RENATO CAVICHIOILLI

Silva, Bruna Bárbara Proença Oliveira.
Mulheres nos esportes de combate em Curitiba – Pr. /
Bruna Bárbara Proença Oliveira Silva - Curitiba, 2015.
93f ; il. ; color. ; 29cm.

Inclui bibliografia

Orientador: Fernando Renato Cavichioli.

Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Setor de Ciências Biológicas. Universidade Federal do Paraná.

1. Mulheres atletas. 2. Esportes de combate. 3. Atletas amadoras. 4. Atletas mulheres profissionais. I. Título.

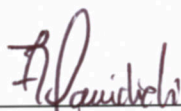
**796.0194
S586**

TERMO DE APROVAÇÃO

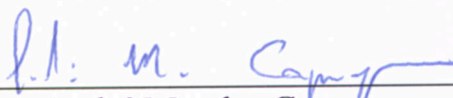
**BRUNA BÁRBARA PROENÇA
OLIVEIRA SILVA**

“Mulheres nos Esportes de Combate em Curitiba-PR”

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação Física, Área de Concentração Exercício e Esporte, Linha de Pesquisa de Esporte, Lazer e Sociedade, do Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Setor de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Paraná, pela seguinte Banca Examinadora:



Professor Dr. Fernando Renato Cavichioli
Presidente/Orientador



Professor Dr. André Mendes Capraro
Membro Interno



Professor Dr. Miguel Archanjo de Freitas Júnior
Membro Externo

Curitiba, 31 de Março de 2015.

Dedico essa dissertação a cada um daqueles que levo dentro do coração.
Dedico também a todas as mulheres lutadoras, de dentro e de fora dos ringues.

AGRADECIMENTOS

A realização desse projeto pessoal e profissional agradeço primeiramente a Deus, pois sem Ele eu nada seria! Agradeço imensamente também meus pais e familiares, por me darem total apoio, por acreditarem em mim, e por serem grande parte de quem eu sou! Agradeço ao Henrique, meu amado e parceiro de todas as horas, pelo incentivo e carinho, e por se fazer presente mesmo na distância!

Agradeço a cada um dos meus amigos que muito torceram por mim, e em especial, à Dayana Nobre, amiga que ganhei na vida acadêmica e que segue comigo como uma irmã.

Agradeço imensamente ao meu orientador e amigo Prof. Dr. Fernando Renato Cavichioli, ou somente "Cavica", por me receber com carinho como sua ex-aluna da graduação e então orientanda, pelas tantas conversas, pelos ensinamentos, pela compreensão, por me responder tantos questionamentos, por me passar ensinamentos profissionais e como pesquisadora, obrigada por toda a ajuda e amizade!

Agradeço à Banca Examinadora, ao Prof. Dr. André Mendes Capraro e ao Prof. Dr. Miguel Archanjo de Freitas Júnior, pelo aceite do convite e por suas enriquecedora avaliação e contribuição.

Agradeço especialmente a cada uma das atletas e dos treinadores que aceitaram participar e contribuir para esse estudo.

Agradeço também a cada professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Física que tive a oportunidade de ser aluna, pelo conhecimento e experiência compartilhados, e por, a cada passo, me fazerem ter certeza de que eu estava exatamente onde queria estar.

RESUMO

Diferentemente do que sugerem algumas forças sociais as quais incentivam as mulheres a participar de práticas consideradas não agressivas e de pouco contato, muitas mulheres têm aderido aos esportes de combate e participado de competições. Além da substancial participação das mulheres, os treinadores das equipes desses esportes também têm dedicado parte de sua atuação exclusivamente ao sexo feminino. Sendo assim, interessou a essa pesquisa investigar qual a compreensão de atletas amadoras e profissionais, e também de treinadores sobre a participação das mulheres nas lutas. De cunho qualitativo e exploratório, a pesquisa foi realizada em Curitiba-PR a partir de entrevistadas semiestruturadas, realizadas com 08 sujeitos, sendo 03 atletas amadoras, 03 atletas profissionais, e 02 treinadores. Foram colocadas 03 hipóteses para serem averiguadas, sendo elas: a. as atletas amadoras das modalidades de combate pretendem essencialmente chegar ao profissionalismo; b. as atletas profissionais não conseguem sobreviver apenas do esporte; c. os(as) treinadores(as) passaram a dedicar parte de sua atuação ao treinamento de mulheres em parte pela lógica da mercantilização, pois notaram um novo nicho no esporte que pode ser explorado. O material coletado nas entrevistas foi analisado a partir da técnica nomeada análise de conteúdo. Como principais resultados apresentados pela pesquisa, foi possível confirmar a primeira e segunda hipóteses a partir das colocações das atletas amadoras sobre profissionalização no esporte, fama e remuneração financeira através das competições para a primeira hipótese, e a partir das falas dos treinadores sobre dupla jornada de trabalho e treinos para a segunda hipótese. A terceira hipótese, também confirmada, deu-se a partir da constatação de que embora os treinadores não tenham voltado sua atuação primariamente para o sexo feminino numa lógica estritamente mercadológica, têm se beneficiado desse nicho de mercado e participado de sua exploração. Como principal resolução, o trabalho permitiu compreender a partir da perspectiva das atletas e dos treinadores a realidade vivida por eles no universo das lutas e as especificidades que vem permeando a construção de um *habitus* feminino nos esportes de combate.

Palavras-chave: Mulheres. Esportes de Combate. Atletas amadoras. Atletas mulheres profissionais. Treinadores de mulheres.

ABSTRACT

Unlike what some suggest social forces that encourage women to participate in practices considered not aggressive and little contact, many women have joined the combat sports and participated in competitions. In addition to the substantial participation of women, the coaches of the teams in these sports also have dedicated part of its activities exclusively to women. Thus, interest to this research investigates the understanding of amateur and professional athletes, as well as coaches on the participation of women in struggles. Qualitative and exploratory, the survey was conducted in Curitiba-PR from semi-structured interviewed, conducted with 08 subjects, 03 amateur athletes, 03 professional athletes, and 02 coaches. Were placed 03 hypotheses to be investigated, as follows: a. amateur athletes of combat rules aimed essentially get to professionalism; b. professional athletes cannot survive only sport; c. the coaches began to devote part of its work to women training in part by the logic of commodification, as noted a new niche in the sport that can be exploited. The material collected in the interviews was analyzed from the appointed technical analysis of content. The main results presented by the study, it was possible to confirm the first and second hypotheses from placements of amateur athletes on professionalism in sport, fame and financial rewards through competitions for the first hypothesis, and from the speeches of the coaches on double shift work and trainings for the second hypothesis. The third hypothesis is confirmed, took place from the fact that although the coaches have not returned their performance primarily for women in a strictly market logic, have benefited from this niche market and participated in their exploitation. As the main resolution, the work allows us to understand from the perspective of athletes and coaches the reality experienced by them in the universe of the struggles and the specifics that has permeated the construction of a female habitus in combat sports.

Key-words: Women. Combat sports. Amateur athletes. Professional women athletes. Coaches of women.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 - DADOS PARA CARACTERIZAÇÃO E PERFIL SOCIOECONÔMICO DAS ATLETAS ENTREVISTADAS CONTENDO SUA IDADE, ESCOLARIDADE, ATIVIDADE PROFISSIONAL, RENDA MENSAL, MORADIA, FILHOS, FORMAÇÃO DOS PAIS, OCUPAÇÃO DOS PAIS, SE OS PAIS PRATICAM/PRATICAVAM ESPORTE31

QUADRO 02 - DADOS SOBRE A PRETENSÃO DAS ATLETAS, MODALIDADES QUE PRATICAM, TEMPO DE PRÁTICA, GRADUAÇÃO, IDADE DA PRIMEIRA COMPETIÇÃO E COMPETIÇÕES FORA DE CURITIBA37

QUADRO 03 - ROTINA D ETREINO DE ATLETAS AMADORAS E PROFISSIONAIS50

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
1.2 QUESTÃO NORTEADORA	17
1.3 HIPÓTESES	17
1.4. OBJETIVO GERAL	17
1.5 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	18
1.6 JUSTIFICATIVA	18
2. METODOLOGIA	20
2.2 CONCEITOS SOCIOLÓGICOS	24
2.2.1 <i>Habitus</i>	24
2.2.2 Capital cultural.....	27
2.3 DIFERENTES SIGNIFICADOS DO ESPORTE.....	30
3. ATLETAS AMADORAS E PROFISSIONAIS	32
3.1.1 Caracterização geral das participantes	32
3.1.2 Atletas amadoras e profissionais.....	34
3.2 CATEGORIAS.....	35
3.2.1 <i>Habitus</i> / capital cultural	35
3.2.2 Destaque na sociedade / recompensa financeira / apoio / patrocínio	41
3.2.3 Família.....	49
3.2.4 Estética.....	51
3.2.5 Emancipação.....	54
3.2.6 Preconceito	56
3.2.7 Desigualdade de gêneros.....	58
3.2.8 Significado do esporte	62
4. OS(AS) TREINADORES(AS)	63
4.1 MERCADO	66
4.2 O EVENTO.....	69
4.3 PRECONCEITO	70
4.5 EMANCIPAÇÃO.....	72
4.6 RECOMPENSA FINANCEIRA	73
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS.....	82

ANEXOS	91
ANEXO II.....	93

1. INTRODUÇÃO

Ao longo do século XIX, especialmente em sua segunda metade, as mulheres apenas espectavam as práticas esportivas, as quais estavam destituídas de suas vidas. Em boa parte do século seguinte as mulheres foram consideradas como pertencentes à natureza frágil, condição a qual dificultava a exposição e participação em algumas práticas. Além dessa consideração, havia outros fatores contribuintes para as interdições sociais que restringiam as práticas esportivas para mulheres, como por exemplo: a função social primária atribuída pela sociedade às mulheres, maternidade e o dever de manter a feminilidade e graciosidade, inerentes ao sexo feminino. Sendo assim, como propõe Goellner (1998; 2006; 2008) ficava pertinente às mulheres práticas consideradas adequadas ao corpo feminino e que visassem fortalecer seus corpos mantendo ainda a ideia de regeneração da sociedade, tais como a ginástica e a natação, pois apresentam atributos de delicadeza e inexistente contato físico.

Além das interdições sociais, as práticas esportivas para as mulheres sofreram algumas decisões legislativas, dentre elas:

Conselho Nacional de Desportos – Decreto-Lei 3.199 de 1941:

Art. 54 - Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções desportivas do país.

Conselho Nacional de Desportos – Deliberação nº07 de 1965:

Nº 1 – Às mulheres se permitirá a prática de desportos na forma, modalidade e condições estabelecidas pelas entidades internacionais dirigentes de cada desporto, inclusive em competições, observado o disposto na presente deliberação.

Nº 2 – Não é permitida a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão, futebol de praia, pólo, halterofilismo e baseball.

Ambas as determinações restringem a participação feminina em práticas esportivas, contudo, as mulheres não se mantiveram totalmente afastadas das

atividades físicas, seja por praticarem, por exemplo, a ginástica visando fortalecer o corpo materno, ou como praticantes "ilegais" de judô¹.

Em meados de 1980 o cenário esportivo das mulheres brasileiras se modificava. Em 1979, houve a revogação da Deliberação nº07 de 1965, o que encerrou com as proibições e assim, as mulheres passaram a ter livre acesso a quaisquer modalidades. Além disso, de acordo com Mesquita e Nascimento (2011) na década de 1980 ocorreram expressivas mudanças sociais, econômicas e políticas que ajudaram nas modificações sobre as representações sociais acerca da mulher e colaboraram para a participação esportiva delas tanto nessa década quanto nas seguintes.

As mulheres, ao longo dos anos vêm se inserindo nas práticas esportivas tornando-se desta forma visíveis aos olhos da sociedade. Deve-se aqui ressaltar que esta ascensão feminina não ficou restrita ao âmbito esportivo, deu-se também em outros campos, tais como o mercado de trabalho, na participação política, no mundo organizacional, entre outros (OLIVEIRA, CHEREM e TUBINO, 2008).

Todavia, mesmo com a ascensão feminina que vem ocorrendo, ainda existem forças sociais que sugerem que desde a infância os indivíduos disciplinem seus corpos para buscar as práticas corporais socialmente autorizadas para seu sexo, porém ao longo dos anos, as representações acerca de práticas e vivências para crianças do sexo masculino e feminino têm se transformado, contribuindo inclusive para a manutenção dessa emancipação das mulheres. Nesse sentido, a partir de considerações como as produzidas por Goellner (2003) e Sousa (1994) pode-se sugerir a existência de processos sociais e culturais formativos sobre as mulheres que historicamente atuaram no desencorajamento de práticas de contato físico intenso, como por exemplo, os esportes de combate representados primariamente pelo gênero² masculino. Entretanto, observa-se atualmente a procura de um grupo de mulheres por tais práticas, muitas delas restritas anteriormente ao universo masculino.

¹ Como ocorrido, de acordo com Souza e Mourão (2011), no Campeonato Sul-Americano de Judô de 1979 no Uruguai, onde quatro atletas mulheres brasileiras foram inscritas com nomes masculinos para que pudessem participar da competição.

² Segundo Britzman (1996), gênero é a condição social pela qual somos identificados como homem ou como mulher.

De acordo com Mesquita e Nascimento (2011), o aumento da participação feminina em práticas esportivas fez parte do curso da transformação dos papéis sociais atribuídos à mulher, transformação que se acentuou a partir da década de 1980, e evidenciou-se quando as mulheres começam a buscar um corpo bem treinado, magro e competitivo. A partir de tais acontecimentos, foram aumentando gradativamente o número de atletas mulheres participantes, por exemplo, nos Jogos Olímpicos, além do ingresso em diferentes modalidades olímpicas. Enquanto a primeira participação de uma mulher brasileira - ocorrida na 4ª edição dos Jogos Olímpicos em Los Angeles - foi somente com a nadadora Maria Lenk em meio a 59 atletas homens, na edição de 1980 em Moscou, o número de mulheres brasileiras se elevou para 15 entre 92 atletas homens. Quanto às modalidades de combate³, a inserção feminina nos Jogos Olímpicos sempre foi "atrasada" em relação ao sexo masculino⁴. Todavia, desde as primeiras participações femininas nos Jogos notou-se uma transformação que tem como uma de suas principais características o substancial aumento da participação feminina neste e em outros eventos esportivos.

Com isto, nota-se interesse elevado do público feminino em práticas esportivas diversas, inclusive em práticas representadas socialmente por relações de confronto e agressividade (MOURA *et al.*, 2010). Esse elevado interesse tem provocado a crescente participação feminina em modalidades marcadas por representações associadas exclusivamente ao universo masculino e já estereotipadas como violentas, as quais anteriormente não eram e/ou não poderiam ser comumente praticadas por mulheres.

³ Para se referir as modalidades de luta pertinentes ao trabalho, serão utilizadas as expressões "esportes de combate" ou "modalidades de combate", de acordo com o que propõe Correa e Franchini (2010, p.2): "A denominação Modalidades Esportivas de Combate implica uma configuração das práticas de lutas, das artes marciais e dos sistemas de combate sistematizados em manifestações culturais modernas, orientadas a partir das decodificações propostas pelas instituições esportivas".

⁴ À título de exemplo, em 1992, nos Jogos de Barcelona ocorreu a estreia oficial do judô feminino, enquanto os homens já ganhavam medalhas na modalidade desde 1964 em Tóquio; em 2008 nos Jogos de Pequim ocorreu a estreia feminina no taekwondo e no *wrestling*, enquanto os homens já competiam desde 1900 e 1904, respectivamente; em 2012 nos Jogos de Londres ocorreu a estreia feminina no boxe, enquanto os homens já participavam desde 1904 em Sant Louis.

Modalidades como o Boxe, MMA (*mixed martial arts*)⁵, Jiu-jitsu, Muay-thai, *Wrestling*⁶, entre outras, têm conquistado um número cada vez maior de adeptas, que visam não somente a mera possibilidade de prática de uma atividade física regular, mas também as competições amadoras e profissionais, chegando assim ao alto nível nesses esportes. A título de exemplo, na realidade mundial, em 2013, houve a primeira luta feminina no UFC (*Ultimate Fighting Championship*) - o maior evento de MMA do mundo⁷, e numa realidade mais próxima, no Brasil, já existem dois eventos de luta exclusivamente femininos, o *Pink Flight* e o *Golden Girls*⁸.

No Brasil, encontra-se em todo o território mulheres praticantes de modalidades esportivas de combate⁹. Como indicativo vamos utilizar a cidade de Curitiba-PR, onde se encontram atletas de destaque no *ranking* brasileiro e mundial, como as atletas Rosilete dos Santos – campeã mundial de boxe, Cristiane "Cyborg" Santos - tricampeã mundial de MMA, Ana Paula de Carvalho – campeã brasileira de Karatê, Mayara Oishi – campeã brasileira de Judô, entre outras. Essas atletas apresentam os predicados necessários aos atletas de alto rendimento, que segundo Costa (2011, p.11) são:

[...] potencial físico que envolve: capacidade de reação e coordenação, bom tônus muscular, boa capacidade de movimentação, resistência articular para superar as altas cargas de treinamento, possibilidade de desenvolvimento de uma boa capacidade cardiorrespiratória, resistência a resíduos metabólicos e agentes externos.

O alto empenho em aperfeiçoar suas técnicas, elevar seu rendimento, e o conjunto “esforço-aperfeiçoamento-resultado” tem trazido não só conquistas

⁵ Ou artes marciais mistas, na qual os lutadores mesclam várias modalidades de combate, como por exemplo, o boxe, muay thai, judô, caratê, jiu-jitsu, *wrestling*, kick-boxing, entre outras.

⁶ Modalidade de combate que utiliza técnicas de queda, *clinch*, chaves e movimentos de luta "agarrada".

⁷ O UFC atualmente é o maior evento de MMA e o evento de maior representatividade no universo das lutas, existente há 18 anos, televisionado em cerca de 145 territórios e 19 línguas, de acordo com o site oficial do evento <<http://www.ufc.com.br>>, acesso em 02 ago. 2014.

⁸ Ambos os eventos são brasileiros, o *Pink Fight* foi o primeiro evento de MMA de lutas exclusivamente femininas com sua primeira edição no ano de 2012, e o *Golden Girls* foi o primeiro evento de Muay Thai de lutas exclusivamente femininas, com sua primeira edição em 2010.

⁹ Ver a matéria de 2012, intitulada “Mulheres na Luta”, veiculada no sitio <<http://www.esportemulher.com.br/noticia/mulheres-na-luta>>, acesso em 23 set. 2012.

de títulos, mas o respeito e a admiração daqueles que prestigiam essas e as diferentes práticas esportivas.

Um dos acontecimentos recentes mais importantes para as mulheres e especialmente para as brasileiras nas modalidades de combate ocorreu nos últimos Jogos de Londres. Elas estrearam no boxe, além de competir em outras modalidades de combate como o Judô, Futebol, Halterofilismo, Taekwondo, *Wrestling*, entre outras. Nessa edição o Brasil obteve 17 medalhas, sendo 07 em modalidades de combate das quais 02 foram conquistadas por atletas do sexo feminino no Judô e 01 no Boxe¹⁰, e inclusive a medalhista do Boxe, conquistou a centésima medalha olímpica do país (VICENTE, 2012)¹¹. Ainda nessa edição dos Jogos houve outro ocorrido relevante, pela primeira vez na história dos Jogos as mulheres participaram de todos os esportes olímpicos (DORO, 2012). Fatos como estes reforçam indubitavelmente o merecimento de reconhecimento pelo esforço e dedicação destas mulheres nos esportes de confronto e agressividade (MOURA *et al.*, 2010).

No cenário esportivo, além das atletas, outros sujeitos essenciais são os(as) treinadores(as), pois, de acordo com Fetter e Silva (2011, p. 32):

[...] o treinador é a peça central [...] mas mais do que isso, ele é o *técnico*, é o indivíduo especializado, o estrategista, o conhecedor da técnica. Dessa maneira passa a exercer papel de líder, chefe, figura parental dentro do círculo esportivo.

E normalmente, as atribuições de técnico/treinador(a) estão ligadas a características como competitividade e masculinidade, quase que desligadas da feminilidade, o que possivelmente justifica a maioria de treinadores homens no universo dos esportes de combate. No estudo feito por Fasting e Pfister (2000) com jogadoras de futebol, muitas atletas femininas atribuem características positivas as treinadoras, como por exemplo, uma maior conexão e facilidade na comunicação entre elas.

¹⁰ Ver a matéria de 2012, intitulada "Atletas do Brasil nos Jogos Olímpicos de Londres 2012", veiculada no sítio <<http://www.quadrodemedalhas.com/olimpiadas/jogos-olimpicos-londres-2012/atletas-brasil-medalhas-olimpiadas-londres-2012.htm>>, acesso em 08 set. 2012.

¹¹ Ver a matéria de 2012, intitulada "Mulher, lutadora, histórica", veiculada no sítio <<http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/olimpiadas/conteudo.phtml?id=1284621&tit=Mulher-lutadora-historica>>, acesso em 13 set. 2012.

Devido à convivência e contato direto com inúmeras atletas, os treinadores passam a conhecer as rotinas, pretensões, trajetórias, competições, entre outros, dessas mulheres, e, portanto, a voz destes sujeitos torna-se tão importante quanto à das próprias atletas para compreender o universo das mulheres nas modalidades de combate.

1.2 QUESTÃO NORTEADORA

Qual a compreensão de mulheres atletas amadoras, atletas profissionais e de treinadores sobre a participação delas nas lutas?

1.3 HIPÓTESES

Nesse estudo partiremos das seguintes hipóteses: a. as atletas amadoras das modalidades de combate pretendem essencialmente chegar ao profissionalismo; b. as atletas profissionais não conseguem sobreviver apenas do esporte; c. os(as) treinadores(as) passaram a dedicar parte de sua atuação ao treinamento de mulheres em parte pela lógica da mercantilização, pois notaram um novo nicho no esporte que pode ser explorado.

1.4. OBJETIVO GERAL

Este estudo tem como objetivo analisar a participação esportiva das mulheres nas lutas, a partir da compreensão das atletas amadoras, das atletas profissionais e de treinadores(as) de atletas mulheres em modalidades de combate.

1.5 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar se as atletas amadoras que já participaram de competições buscam essencialmente o profissionalismo;
- Verificar a partir de atletas profissionais como ocorre sua participação no profissionalismo nos esportes de combate;
- Verificar a partir de treinadores(as) de atletas mulheres qual sua relação com o treinamento delas, qual sua compreensão acerca da participação delas nas modalidades de combate e a nova área de atuação no universo das lutas.

1.6 JUSTIFICATIVA

A partir das perspectivas já lançadas pode-se perceber a importância da temática proposta especialmente no campo esportivo. No entanto, apesar do vertiginoso crescimento e popularização desta prática, a participação das mulheres nas modalidades de combate parece ainda não ter atraído total interesse do meio acadêmico. Dentre os trabalhos já produzidos pode-se citar: Kath (1999); Goellner (2003; 2005); Adelman (2003); Simões et al (2004); Capitanio (2005); Ferretti (2007); Moura et al (2010); Ferretti (2011), Salvini (2012) entre outros¹². Dentre os trabalhos já existentes, em especial a dissertação produzida por Salvini (2012), nos chama atenção pela proximidade do cunho sociológico dos questionamentos utilizados ao longo de seu trabalho e nos causa certa anexação das conjecturas sociológicas. Entretanto, nenhum

¹² Trabalhos: Kath (1999) - "A participação da mulher em esportes competitivos"; Goellner (2003) - "Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica"; Adelman (2003) - "Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina"; Simões et al (2004) - "O Mundo Psicossocial da Mulher no Esporte"; Goellner (2005) - "A bela mãe e mulher"; Capitanio (2005) - "Mulher, gênero e esporte: a análise da auto-percepção das desigualdades"; Ferretti (2007) - "Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias"; Moura et al (2010) - "Esportes, mulheres e masculinidades"; Ferretti (2011) - "A formação da lutadora: estudo sobre mulheres que praticam modalidades de luta"; Salvini (2012) - "Novo Mundo Futebol Clube e o "velho mundo" do futebol: considerações sociológicas sobre *habitus* esportivo de jogadoras de futebol".

trabalho foi realizado com o recorte que esse estudo propõe, o qual pretende identificar a compreensão das mulheres atletas amadoras e das profissionais sobre sua participação no campo esportivo das lutas, e a compreensão dos treinadores de mulheres sobre a participação delas neste âmbito, e que pretende, portanto, contribuir de maneira significativa para a literatura.

Segundo depoimento de Edson “Foreman”¹³, em Curitiba, a participação das mulheres nos esportes de combate têm crescido na última década, especialmente no boxe, sendo que algumas delas buscam o esporte para competir.

Este estudo visa também contribuir com a discussão sobre as mulheres nos esportes em questões como: destaque na sociedade através do esporte, recompensa financeira de atletas femininas, mulher atleta e instituição familiar, questões estéticas, emancipação através do esporte, preconceito e desigualdade de gêneros no esporte, significado do esporte para elas, além da inserção feminina nas modalidades de combate. O estudo propõe mostrar as complexidades envolvidas no desenvolvimento do esporte para as mulheres, especialmente para as lutadoras, além de gerar conhecimentos que possam contribuir para mudanças posteriores e para estudos futuros.

Ressaltando que a presente pesquisa não irá tratar do conceito de gênero, uma vez que não se pretende fazer um panorama geral dos esportes de combate, o que incluiria a participação masculina. Também não se pretende utilizar a dicotomia para oposição de sexos e comparar a prática feminina com a masculina, interessando ao estudo apenas o recorte específico das atletas mulheres nesse meio.

¹³ Depoimento em entrevista concedida à pesquisadora em 2012. Edson Cesar Antonio, proprietário e treinador da academia "Foreman *Boxing*" em Curitiba, foi atleta profissional de Boxe, está neste esporte há 24 anos, é detentor de títulos como forja de campeões, campeão paranaense amador, campeão paranaense de boxe profissional (versão – Liga Paranaense de Boxe), vice-brasileiro, campeão brasileiro profissional (versão – Federação Nacional de Boxe Profissional), campeão paulista, vice-campeão no torneio de campeões, e campeão Mundo Hispano pelo Conselho Mundial de Boxe.

2. METODOLOGIA

Para suprir os objetivos propostos neste projeto, a pesquisa tem caráter qualitativo e exploratório. A pesquisa qualitativa visa descrever, analisar, interpretar e atribuir significados aos dados obtidos do estudo, e a característica exploratória tem o intuito de proporcionar maior familiaridade com o problema, além do levantamento de dados por meio de entrevistas e pesquisa bibliográfica (RODRIGUES, 2007).

Sobre a pesquisa qualitativa Cappelle *et al.* (2003, p.5) diz que:

[...] os enfoques qualitativos voltam sua atenção para a presença ou para a ausência de uma característica, ou conjunto de características, nas mensagens analisadas, na busca de ultrapassar o alcance meramente descritivo das técnicas quantitativas para atingir interpretações mais profundas com base na inferência.

A presente pesquisa utilizou entrevistas semiestruturadas, uma vez que através delas foi possível averiguar características pertinentes aos sujeitos escolhidos no âmbito das modalidades de combate. Além da busca por exceder a descrição dos conteúdos emergentes nas falas dos entrevistados, arraigando as interpretações com a discussão elaborada. De acordo com Minayo (2000), as interpretações e análises realizadas na pesquisa qualitativa pretendem:

[...] ultrapassar o nível do senso comum e do subjetivismo na interpretação e alcançar uma vigilância crítica em relação à comunicação de documentos, textos literários, biografias, entrevistas ou observação.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas com atletas amadoras, atletas profissionais e treinadores(as) de atletas do sexo feminino das modalidades de combate Boxe, MMA, Jiu-jitsu, Muay-thai, *Wrestling* e *Submission*¹⁴. As atletas poderiam ser praticantes de uma ou mais dentre as

¹⁴ Modalidade de combate também conhecida como *grappling*, é uma luta de solo similar ao jiu-jitsu, onde não se utiliza kimono, com alguns golpes adaptados e mais liberdade de movimentação.

modalidades escolhidas, assim como os treinadores poderiam atuar em uma ou mais dessas modalidades.

Os entrevistados poderiam estar em qualquer faixa etária, tendo como critérios de inclusão para as atletas amadoras e profissionais, a(s) modalidade(s) como sua principal prática física, praticar a(s) modalidade(s) há pelo menos 01 ano, e terem competido em pelo menos 02 lutas tanto para o nível amador¹⁵ quanto para o profissional. Os(as) treinadores(as) deveriam ter parte de sua atuação dedicada exclusivamente ao treinamento de atletas mulheres.

Foram realizados dois estudos, sendo que para o primeiro estudo foram entrevistadas três atletas amadoras e três atletas profissionais e para o segundo, dois treinadores(as). Os(as) entrevistados(as) foram convidados a vir ao Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná no CEPELS (Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade) para realizarmos as entrevistas.

As entrevistas foram gravadas no celular de uso pessoal da pesquisadora, modelo Samsung Galaxy Note III.

2.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO

Para a análise das entrevistas, utilizamos alguns procedimentos da análise de conteúdo proposta por Bardin (1979) para a interpretação das entrevistas. De acordo com o autor (1979, p.38):

[...] a análise de conteúdo aparece como um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição dos conteúdos das mensagens.

A análise de conteúdo foi utilizada como um grupo de estratégias que assessorou a identificação dos principais eixos ou temas emergentes no material de pesquisa. Bardin (1979, p.35) apresenta uma tabela sobre os

¹⁵ Embora no esporte amador os praticantes não precisem obrigatoriamente competir, para a presente pesquisa o interesse é em atletas que mesmo amadoras participem de competições.

"domínios possíveis da aplicação da análise de conteúdo", dentre esses domínios interessa para essa pesquisa a "comunicação dual (diálogo)" e o "grupo restrito", os quais se utilizam do código linguístico oral através de, entre outros procedimentos, entrevistas, o principal instrumento de pesquisa desse trabalho. Vale ressaltar que a análise de conteúdo embora se utilize da linguística, se difere desta, pois:

O objecto da linguística é a língua, quer dizer, o aspecto colectivo e virtual da linguagem, enquanto que o da análise de conteúdo é a palavra, isto é, o aspecto individual e actual (em acto) da linguagem. [...] O seu papel (da linguística) resume-se, independentemente do sentido deixado à semântica, à descrição das regras de funcionamento da língua [...]. Pelo contrário, a análise de conteúdo trabalha a palavra, quer dizer, a prática da língua realizada por emissores definidos. [...] A linguística estuda a língua para descrever o seu funcionamento. A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se decruça. A linguística é um estudo *da* língua, a análise de conteúdo é uma busca de outras realidades *através* das mensagens (BARDIN, 1979, p.43-44).

Assim sendo, enquanto a linguística pretende descrever, no caso da pesquisa, o sujeito e suas falas, a análise de conteúdo intenta compreender este sujeito e suas significações, bem como o ambiente em que ele está inserido.

Utilizamos ainda dos procedimentos de Bardin, a pré-análise, que compreende, dentre outras etapas, formular os objetivos, possíveis hipóteses e a "elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final" (1979, p.95). Quanto ao tratamento do material, utilizamos a codificação, que de acordo com o autor:

[...] corresponde a uma transformação - efectuada segundo regras precisas - dos dados brutos do texto, transformação esta que, por recorte, **agregação** e enumeração, permite atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão (BARDIN, 1979, p.103, grifo nosso).

Sendo que principalmente a agregação interessa a pesquisa, pois se refere à escolha das categorias para analisar o material, que foram pré-definidas e ainda pautadas em palavras e temas emergentes nas falas dos entrevistados(as). Essa categorização compreende:

[...] uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com os critérios previamente definidos. As categorias, são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registro, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão dos caracteres comuns destes elementos (BARDIN, 1979, p.117).

Utilizamos a categorização temática para a escolha das categorias, que foram definidas *a priori* e a partir delas foram elaboradas as perguntas das entrevistas. A análise do material partiu das categorias, pois elas forneceram "por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos" (BARDIN, 1979, p.119).

Essas categorias poderiam continuar as mesmas após a realização das entrevistas ou poderiam ser incluídas novas categorias de acordo com a fala dos(as) entrevistados(as). Pré-estabelecemos as seguintes categorias para a estruturação das entrevistas das atletas amadoras e profissionais: *habitus* / capital cultural, destaque na sociedade, recompensa financeira / apoio / patrocínio, família, estética, emancipação, preconceito, desigualdade de gêneros e significado do(s) esporte(s) em questão. E para os treinadores pré-estabelecemos as categorias *habitus*, preconceito, emancipação, desigualdade de gêneros e recompensa financeira. De acordo com a experiência empírica da pesquisadora e o desenvolvimento dos roteiros de entrevista, observamos que uma vez que o objeto principal desse estudo são as atletas, houve a necessidade de maior número de categorias em suas entrevistas para que pudéssemos posteriormente realizar uma análise completa sobre elas. Já para os treinadores, vimos a necessidade de algumas categorias já apresentadas nos roteiros de entrevistas para as atletas, as quais contemplariam as questões a serem levantadas e analisadas nesse trabalho, em detrimento de outras que não fariam parte dos dados necessários para a análise dos treinadores. Ressaltando ainda, que estas categorias não ficaram "engessadas", e estávamos abertos ao surgimento de novas categorias ou anulação de alguma delas.

No decorrer da análise dos dados coletados nas entrevistas percebemos a necessidade de fusão de duas categorias das atletas amadoras e profissionais, o destaque na sociedade e a recompensa financeira / apoio / patrocínio, pois no discurso das entrevistadas, ambas as categorias

apresentaram muitas proximidades, e a junção delas permitiu uma análise aprimorada. Já nas entrevistas dos treinadores, houve a necessidade de inserirmos duas novas categorias, que são mercado e o evento. A categoria mercado surgiu a partir dos dados trazidos pelos treinadores entrevistados sobre o mercado das lutas para as mulheres no que diz respeito aos eventos e suas premiações, patrocínios, ingressos e divulgação. E a categoria sobre o evento surgiu na necessidade de apresentarmos os dados colocados por um dos treinadores que também é fundador de um evento, de maneira dissociada das outras informações.

Na análise das entrevistas e escolha das falas para citação no trabalho, houve tratamento de linguagem, retirada de falas repetidas, reorganização das ideias e retirada de algumas partes quando o entrevistado iniciava um assunto, começava outro e retomava o anterior, de maneira que essa transição entre assuntos não caberia para a citação pretendida.

2.2 CONCEITOS SOCIOLÓGICOS

2.2.1 *Habitus*

O sociólogo Pierre Bourdieu concedeu instrumentos e conceitos que permitem a análise tanto dos grupos, quanto das relações existentes dentro destes e os mecanismos de sua reprodução. Para o presente trabalho, o conceito de *habitus* auxiliará na construção de nossas análises considerando que este pressupõe uma propriedade adquirida. De acordo com o autor, o conceito compreende um aprendizado através de:

Sistema de disposições duráveis, estruturas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações que podem ser objetivamente 'regulamentadas' e 'reguladas' sem que por isso sejam o produto de obediência de regras, objetivamente adaptadas a um fim, sem que se tenha necessidade da projeção consciente deste fim ou do domínio das operações para atingi-lo, mas sendo, ao mesmo

tempo, coletivamente orquestradas sem serem o produto da ação organizadora de um maestro (1994, p.15).

As disposições e estruturas não são fixas, mas sim flexíveis e ajustáveis, e embora duráveis, tem um funcionamento dinâmico que pode se enfraquecer de maneira natural e permitir reformulações (THIRY-CHERQUES, 2006). A assimilação de um *habitus* ocorre no processo de interiorização das disposições e estruturas sociais, as quais não são regras, mas sim regularidades, e este processamento permite a compreensão dos desdobramentos sociais, de maneira que estes sejam elaborados tanto pelos agentes, quanto resultam do espaço social, isto é, o meio exterior influi diretamente na sua formação, mas a formação do *habitus* também influi na construção das disposições do meio exterior. Portanto, ao utilizar esse conceito permite-se analisar aquilo que ocorre entre os campos e espaços sociais e aquilo que é incorporado pelos indivíduos.

O *habitus* determina o modo de ser, as normas de conduta, as atividades e práticas realizadas por cada indivíduo, e é fortemente influenciado pelo meio social no qual este indivíduo está inserido. O *habitus* ocorre a partir da inserção em determinada estrutura, ele não é somente posto, ele é construído, e torna-se a segunda natureza dos indivíduos (BOURDIEU, 1994, p. 22).

Ele unifica e distingue preferências, práticas, grupos, e, portanto, os agentes. Ele está em meio à história coletiva e individual oferecendo maneiras classificatórias de escolhas e estilos, como por exemplo, o que se come, o que veste, qual esporte pratica, os locais que frequenta, isto é, as práticas mentais e corporais que acabam por acontecer e serem reproduzidas sendo expressas de maneira natural e até mesmo inconsciente. Cada uma dessas escolhas pode corresponder a uma categoria de *habitus*, de gostos, resultantes das opções que geram uma unidade de propriedades, e que são aproximadas por afinidades de estilos.

O *habitus* permeia ainda o que o autor nomina de 'interiorização da exterioridade e a exteriorização da interioridade', isto é, os traços da sociedade acabam sendo incorporados pelos agentes como as características duráveis e estruturadas que influenciam os comportamentos e escolhas – como, por exemplo, o sentir, o ser, o pensar e o agir – e propiciam o pertencimento

aquele meio, assim como as mesmas influências regem as respostas que os agentes mostram em sua exteriorização em relação ao meio social em que se encontram, o que pode objetivar inclusive a mudança das estruturas, relembrando que estas não são fixas, mas sim flexíveis.

Todo o sistema de disposições duráveis e transferíveis orientado pelo *habitus* atua como princípio que concebe e ordena as representações e práticas dentro da sociedade. Ele é formador de um senso prático, uma lógica que se adquire na interação social, e ao mesmo tempo, é divisor e estruturador dessa interação, sendo assim, condicionado e condicionador dos comportamentos e ações. Ele abriga o conhecimento das regras dispostas em determinado campo, mas também seu reconhecimento, funcionando como um programa que fornece a percepção, a ação e ainda a reflexão (ARAÚJO, ALVEZ e CRUZ, 2009). Ele se faz presente em todas as dimensões dos indivíduos, isto é, em seus corpos no que diz respeito aos seus gestos e condutas, mas também em suas mentes orientando as escolhas, formas de enxergar e identificar o que ocorre nos meios em que estão inseridos. Ele pode ser entendido como a resultante da experiência individual, da experiência coletiva e ainda, da interação entre as duas, que gera um esquema de preferências, classificações e percepções em todos os indivíduos.

Há uma perspectiva do meio social que está insculpida em cada um dos indivíduos, e ao longo de toda sua existência estes indivíduos absorvem seus *habitus* amoldando as aquisições recentes pelas antigas, dentro da lógica do meio em que se vive e o lugar que se ocupa nele. Essas aquisições são consistentemente estabelecidas no caráter moral que norteia as aspirações, o envolvimento e a postura perante qualquer situação.

O *habitus* não se resume a reprodução de uma única estrutura social, ele é a soma dinamizada de disposições e estruturas que vão se acumulando, e se perpetuando, influenciadas pelos diferentes ambientes que percorrem. Ele fornece ao mesmo tempo um princípio de junção e distinção, a junção, nas categorias de valores e de ações dos indivíduos advindas da sociedade por serem compartilhadas por aqueles submetidos à similares circunstâncias sociais, como por exemplo, o *habitus* masculino de hegemonia em algumas áreas, o *habitus* de consumo de algumas classes, entre outros. E a distinção, pois cada indivíduo ao possuir seu trajeto e posição singular no mundo, tem

dentro de si uma combinação imensurável de programas e esquemas (WACQUANT, 2007).

Em sumo, o *habitus* pode variar ao longo do tempo, de acordo com o lugar e conforme as distribuições de poder dentro dos diferentes meios, pode também ser verificado em variados ambiente de prática e consumo, tais quais a alimentação, o esporte, a música, a vestimenta, as escolhas políticas, entre outros, fundamentando os distintos estilos de vida. Embora seja constante, ocorre de forma dinâmica e não estática, podendo ser reformulado, contrariado, desconstruído, mas também mantém certa inércia, uma vez que ele formula práticas a partir das estruturas que o conceberam, bem como respalda as práticas e experiências que ocorrem nestas estruturas. Toda maneira de sentir, ser, pensar e agir são produtos incorporados pelos agentes das resultantes de sua sociedade, e os mesmos produzem interpretações, reflexões e desdobramentos da vida cotidiana. O *habitus* sempre constitui o meio, ao passo que o meio o estrutura, sendo o modo como a sociedade é depositada em cada indivíduo.

Bourdieu propõe também o sujeito de campo:

Em termos analíticos, um campo pode ser definido como uma rede ou uma configuração de relações objetivas entre posições. Essas posições são definidas objetivamente em sua existência e nas determinações que elas impõem aos seus ocupantes, agentes ou instituições (apud BONNEWITZ, 2005:60)

Embora este conceito se relacione diretamente com o *habitus*, para este trabalho nos detemos apenas ao *habitus* uma vez que nos auxiliará na construção da análise específica sobre o sujeito, objeto central do trabalho, enquanto o campo auxiliaria na compreensão sobre as disposições sociais em determinado espaço.

2.2.2 Capital cultural

O conceito de capital cultural proposto por Bourdieu, também compreendido como capital informacional, propõe mais uma maneira de

interpretar dos acontecimentos sociais e em como "a cultura reflete ou atua sobre as condições de vida dos indivíduos", de forma que a associação do termo capital com a cultura, equivale à conquista de algo somada ao caráter utilitário de obter conhecimentos, gostos e atividades culturais (SILVA, 1995, p.24-25).

O capital cultural subdivide-se em capital objetivado, institucionalizado e incorporado. O capital objetivado refere-se às apropriações materiais ou simbólicas, como peças teatrais, obras, monumentos, escritos, entre outros, é ligado ao meio externo, e ainda pode relacionar-se com o capital econômico, o qual possibilita a aquisição através de, por exemplo, a compra. Ele pode ser adquirido, transferido e ocorre em curto prazo. O capital institucionalizado é aquele em que sua posse se define pela aquisição de competências culturais e financeiras, como são considerados, por exemplo, os títulos, certidões, entre outros, que acabam por conferir certa diferenciação entre as classes de acordo com suas relações com as questões da cultura. E o capital incorporado, o qual se relaciona diretamente com esse estudo, é algo adquirido a longo prazo, que demanda apropriação e tempo, solicitando que o indivíduo assimile algo para si mesmo que será armazenado internamente (BOURDIEU, 2007)¹⁶.

De acordo com Bonamino, Alves e Franco (2010), o processo de internalização de um determinado capital cultural exige investimentos que demandam tempo, e necessitam de longa duração para tornar essa forma de capital parte integrante da pessoa (*habitus*), em concordância, Loyola (2003) acrescenta que além de parte integrante do indivíduo, o capital cultural incorpora-se de tal maneira que se torna invisível. Assim sendo, a apreensão desse capital passa a fazer parte do indivíduo, e logo, daquilo que constitui e constrói seu *habitus*, o capital incorporado é a interiorização que acontece no decorrer da trajetória de cada um, e do que ocorre em meio ao processo de ensino e aprendizagem, como, por exemplo, os aprendizados nos anos de escola, os saberes passados dentro da família, conhecimentos em viagens, reproduções e valores sociais, entre outros (BOURDIEU, 2007).

¹⁶ Embora não seja o objetivo desse trabalho tratar de outros tipos de capitais colocados por Bourdieu, vale ressaltar que o capital cultural pode ser compreendido de maneira isolada, bem como pode se relacionar com outros capitais, tais como o simbólico, social e econômico.

Este capital, nos dizeres de Filho *et al.* (2013, p.673), diz respeito "ao conhecimento, às habilidades e às informações detidas". Ao ser incorporado exige tempo despendido para que ocorra a interiorização, também está ligado diretamente ao corpo do indivíduo, o qual passa a agir e se comportar de acordo com a maneira que se compõe esse capital (BOURDIEU, 1998).

Sendo pessoal, o trabalho de aquisição é um trabalho do "sujeito" sobre si mesmo (fala-se em "cultivar-se"). O capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se faz corpo e tornou-se parte integrante da "pessoa", um *habitus*. Aquele que o possui "pagou com sua própria pessoa" e com aquilo que tem de mais pessoal, seu tempo. Esse capital "pessoal" não pode ser transmitido instantaneamente (diferentemente do dinheiro, do título de propriedade ou mesmo do título de nobreza) por doação ou transmissão hereditária, por compra ou troca (BOURDIEU, 1979, p.4).

O contato frequente com determinado capital cultural, por exemplo, um estilo musical, um local, e até mesmo um esporte, torna-se um dos aspectos formadores do *habitus*. Ele é indicador do acesso ao conhecimento e participação de uma cultura específica, sendo o ponto de partida para a definição das preferências, gostos e o consumo cultural dos indivíduos, contribuindo diretamente para as características de seu *habitus*, pois os indivíduos consomem, participam e escolhem basicamente aquilo que faz parte de seu dia-a-dia e que permite decodificar as normas, linguagens e regras que estão ao seu redor. E, de acordo com Amato (2008), uma vez adquirido, o capital cultural se torna indissociável do indivíduo.

Cada meio ou grupo social distingue-se por suas desigualdades e diferentes recursos, dessa maneira, a localização dos indivíduos dentro destes grupos ocorre de acordo com a quantidade e composição de seu capital adquirido (SARRETA, 2012). Estas incorporações apreendidas por meio do(s) capital(is) cultural(is) tornam-se uma mescla de referências assumidas pelos indivíduos e indispensáveis para a inserção nos meios sociais. A aquisição de capitais caracteriza não só as atitudes em relação à cultura, mas também determina as disposições sociais, dentre as quais estão as preferências que levam a determinado estilo de vida. A aplicação do que é incorporado a partir do capital cultural permite a caracterização e diferenciação de cada indivíduo:

O conhecimento das características pertinentes à condição econômica e social (o volume e a estrutura do capital apreendidos sincrônica e diacronicamente) só permite compreender ou prever a posição de tal indivíduo ou grupo no espaço dos estilos de vida, ou, o que dá no mesmo, as práticas através das quais ele se marca e se demarca (BOURDIEU, 1983, p.2).

Embora o conceito de *habitus* e capital cultural não estejam contidos um no outro, eles têm uma relação íntima de interseção. As experiências específicas de cada indivíduo permitem a incorporação de seu capital cultural, além de compor seu *habitus*, de maneira que os indivíduos que ocupam os mesmos espaços sociais apresentam também as mesmas cargas de capital acumulado. Essa relação permitirá a interpretação nesse trabalho de uma das áreas dos esportes de combate, mais especificamente das mulheres inseridas nesses esportes, uma vez que o *habitus* em conjunto ao capital cultural proporciona tanto uma forma de perceber os meios sociais, suas particularidades e fazer apreensões e reproduções do meio em que se vive, quanto formas de apreciação na diferenciação de preferências, gostos e escolhas:

O gosto é o princípio de tudo o que temos (pessoas e coisas), de tudo o que somos para os outros e é através dele que classificamos e somos classificados (BOURDIEU¹⁷, 1979, p.59, citado por SILVA, 1995, p.26).

2.3 DIFERENTES SIGNIFICADOS DO ESPORTE

No Brasil, a Lei Pelé (lei nº 9.615/1998) subdivide o esporte em três dimensões: esporte de rendimento, participação (ou de lazer) e educacional. O esporte de rendimento tem a finalidade de obter resultados, praticado de maneira profissional, com remuneração por contrato de trabalho formal. O esporte de participação ocorre de modo voluntário com fins de contribuição para a integração dos praticantes, plenitude da vida social, promoção de saúde, educação e preservação do ambiente. E o esporte educacional é

¹⁷ BOURDIEU, P. *La distinction: critique sociale du jugement*. Paris: Minuit, 1979.

praticado nos sistemas de ensino para a educação dos participantes, evitando a seletividade, hipercompetitividade, com fins de desenvolver de forma integral os indivíduos, formá-los para exercer a cidadania e a prática do lazer.

Ao tratar das divisões propostas pela lei, Tubino (2010) acrescenta que o esporte educacional pode ser praticado também por jovens fora da escola e deve trabalhar os seguintes princípios: inclusão, participação, cooperação co-educação e co-responsabilidade. Sobre o esporte de participação ou lazer, ele comenta que deve ter princípios como a participação, prazer e inclusão. E sobre o esporte de rendimento ou esporte de desempenho, ele diz que esse deve ser norteado pela ética nas competições e treinamentos além dos princípios superação e desenvolvimento esportivo, ressaltando ainda que pode ser de rendimento ou de alto rendimento quando este se refere às altas competições ou alto nível. Ele ainda aponta outra divisão dos esportes, os esportes das artes marciais que "são aqueles derivados das artes militares ou marciais da Ásia (exemplos: Jiu-Jitsu, Judô, Karatê etc)" (2010, p.45), afirmando ainda que o crescimento esportivo de rendimento no Brasil pode ser conferido pelo aumento de bons resultados nas competições internacionais nos esportes tradicionais, dentre eles nos esportes de artes marciais (ou esportes de combate).

Para essa pesquisa, iremos considerar o esporte amador relacionando-o ao esporte de participação por ocorrer de modo voluntário e com objetivos relativos aos apresentados acima, porém as atletas amadoras aqui estudadas já participam de competições como melhor explicado na metodologia. E consideraremos o esporte profissional relacionando-o ao esporte de rendimento, uma vez que as atletas, como explica a lei, tem o objetivo de atingir resultados e são remuneradas para tal.

3. ATLETAS AMADORAS E PROFISSIONAIS

3.1.1 Caracterização geral das participantes

A coleta de dados das atletas amadoras e profissionais foi realizada através de entrevistas com três atletas amadoras de Muay Thai e MMA e três atletas profissionais de MMA, gravadas de acordo com a descrição na metodologia. As entrevistas ocorreram na cidade de Curitiba/PR, no CEPELS (Centro de Pesquisa em Esporte, Lazer e Sociedade), no Departamento de Educação Física da Universidade Federal do Paraná. Segue abaixo um quadro contendo os dados pessoais das entrevistadas:

Nome	Idade	Estado Civil	Esporte	Praticava outro esporte antes das lutas?	Escolaridade	Atividade Profissional	Renda mensal	Moradia	Filhos	Formação do pai e mãe	Ocupação do pai e mãe	Os pais praticam ou praticavam esporte?
A1	20	Solteira	Amador	Voleibol e ballet	Ensino superior (cursando)	Estudante, professora de muay thai, estagiária de musculação	De 2 a 5 salários mínimos - Trabalha e é a principal responsável pelo sustento da família	Casa ou apartamento com a família; mora com irmã e outro parente	Não	Ambos ensino superior completo	Funcionario público; trabalhava em casa	Pai futebol; mãe atletismo
A2	20	Solteira	Amador	Não	Ensino médio	Lutadora, personal trainer de muay thai	Até 1 salário mínimo - Trabalha e contribui com o sustento da família	Casa ou apartamento com a família - mora com os pais	Não	Não sabe a formação do pai; mãe ensino superior incompleto	Não trabalha; enfermeira	Pai capoeira e futebol
A3	18	Solteira	Amador	Ginástica olímpica	Ensino médio	Operadora de triagem	Até 1 salário mínimo - Trabalha e se sustenta	Casa ou apartamento com a família - mora com mais pais e namorado	Sim, 01	Pai ensino fundamental; mãe ensino superior	Comerciante; profissional liberal	Ambos não
P1	21	Solteira	Profissional	Voleibol	Ensino superior (cursando)	Estudante, personal trainer de lutas, estagiária na musculação	1 a 2 salários mínimos - Trabalha e se sustenta	Casa ou apartamento com a família - mora com o namorado	Não	Ambos ensino fundamental	Ambos comerciantes	Pai ciclismo; mãe pilates
P2	24	Solteira	Profissional	Capoeira	Ensino médio	Professora de muay thai e boxe	1 a 2 salários mínimos - Trabalha e recebe ajuda da família	Casa ou apartamento com a família - mora com o irmão	Não	Ambos ensino médio	Ambos comerciantes	Pai futebol
P3	20	Solteira	Profissional	Não	Ensino médio	Atleta, recepcionista em academia	Até 1 salário mínimo - Trabalha e se sustenta	Casa ou apartamento com a família - mora com avó e esposa	Não	Não sabe a formação dos pais	Comerciante; não trabalha	Ambos não

QUADRO 01 - Dados para caracterização e perfil socioeconômico das atletas entrevistadas contendo sua idade, escolaridade, atividade profissional, renda mensal, moradia, filhos, formação dos pais, ocupação dos pais, se os pais praticam/praticavam esporte.
 FONTE: Elaboração da própria autora (2014).

O material coletado nas entrevistas das atletas amadoras e profissionais foi dividido em nove categorias, são elas: a) *habitus* / capital cultural; b) destaque na sociedade / recompensa financeira / apoio / patrocínio; d) família; e) estética; f) emancipação; g) preconceito; h) desigualdade de gêneros; i) significado do esporte. Todas as categorias serão explanadas a seguir.

3.1.2 Atletas amadoras e profissionais

De acordo com o quadro 01 apresentado acima, foram entrevistadas três atletas amadoras mulheres que competem no Muay Thai e três atletas profissionais mulheres que competem no MMA, na cidade de Curitiba/PR. As entrevistadas estão na faixa etária entre 18 e 24 anos. Para participar desta pesquisa, as atletas poderiam treinar de mais de uma modalidade de combate, sendo que esta deveria ser sua principal atividade física, praticar a(s) modalidade(s) há pelo menos 01 ano, e terem competido em pelo menos 02 lutas. Todas as atletas amadoras competem no Muay Thai, e também já competiram em outras modalidades como jiu-jitsu, *submission* e boxe¹⁸, e além das modalidades de competição, também treinam *wrestling* e MMA (*mixed martial arts*). Todas as atletas profissionais competem no MMA, e também já competiram em outras modalidades, assim como as amadoras, como jiu-jitsu, *submission*, muay thai e boxe¹⁹.

Através do levantamento dos dados a partir das entrevistas será possível compreender como ocorre o processo de entrada e participação dessas atletas no universo das lutas, se as atletas amadoras buscam essencialmente o esporte profissional, se as atletas profissionais não

¹⁸ A1 tem 17 lutas de muay thai (15 vitórias e 02 derrotas), 03 lutas de jiu-jitsu (02 vitórias e 01 derrota) e 01 derrota no *submission*; A2 tem 14 lutas de muay thai (10 vitórias e 04 derrotas), 05 lutas de jiu-jitsu (04 vitórias e 01 derrota), e 01 vitória no boxe; A3 tem 11 lutas de muay thai (06 vitórias e 05 derrotas), entre 12 e 15 lutas de jiu-jitsu (02 derrotas), e 01 vitória e 01 derrota no *submission*.

¹⁹ P1 tem 23 lutas de muay thai (16 vitórias, 06 derrotas e 01 empate), 04 lutas de jiu-jitsu (03 vitórias e 01 derrota), 02 lutas de *submission* (02 vitórias), 02 lutas de MMA (02 vitórias); P2 tem 20 lutas de muay thai (07 vitórias, 09 derrotas e 02 empates), 15 lutas de boxe (não soube especificar), 04 lutas de jiu-jitsu (não soube especificar), 06 lutas de MMA (04 vitórias e 02 derrotas); P3 tem 14 lutas de muay thai (08 vitórias, 05 derrotas e 01 empate), 06 lutas de jiu-jitsu (04 vitórias e 02 derrotas), 02 lutas de MMA (01 vitória e 01 derrota).

conseguem sobreviver apenas do esporte, além de outras questões que permeiam esta prática, como já apontado nas categorias levantadas para a entrevista.

3.2 CATEGORIAS

3.2.1 *Habitus* / capital cultural

A primeira categoria apresentada nas entrevistas foi pautada sobre a definição de *habitus* e capital cultural propostas pelo sociólogo Pierre Bourdieu. Esses conceitos auxiliam a análise dos processos sociais no universo das lutas, e numa esfera tão peculiar que é a participação esportiva das mulheres neste meio.

De acordo com Bourdieu (1994) o *habitus* é desenvolvido tanto pelos agentes, quanto resulta do espaço social em que ocorre. Desta maneira, os dados coletados através das entrevistas, permitiram compreender tanto a realidade dos agentes, quanto os processos que estão ocorrendo no espaço das lutas frequentado por eles.

Ao tratar dos conceitos de Bourdieu, Santos e Pinheiro (2011, p.24) colocam que:

[..] a categoria de *habitus* passa a significar um conhecimento adquirido, prático, mediante o qual o individual constitui-se frente a sociedade. Mas Bourdieu não se restringiu ao estudo da reprodução das práticas sociais, evidenciando também as capacidades criadoras, ativas, inventivas do *habitus* dos agentes que ocupam posições no espaço social.

Desta maneira, a inserção das mulheres no mundo das competições dos esportes de combate tem provocado transformações nos elementos que constituem o *habitus* existente deste meio. Essas atletas incorporam o conhecimento e reproduzem as práticas desses esportes, mas também engendram e introduzem novas características a ele, pois:

O *habitus* [...] é durável mas não estático ou eterno: as disposições são socialmente montadas e podem ser corroídas, contrariadas, ou mesmo desmanteladas pela exposição a novas forças externas [...] (WACQUANT, 2007, p.67).

A entrada dessas atletas nos esportes de combate teve início em sua fase jovem²⁰, fazendo parte também de sua formação humana, pois dentro das práticas esportivas, além do desenvolvimento técnico e tático, os jovens também desenvolvem outras habilidades e características que serão utilizadas tanto dentro do esporte, como em sua vida. Buriti (2001) aponta que além dos ensinamentos pertinentes a cada modalidade, também são desenvolvidas as relações socioafetivas, a comunicação, socialização e sociabilidade, questões que oferecem ao indivíduo as condições necessárias para o meio em que participa. Sanches e Rubio (2011) acrescentam mais algumas questões que são ensinadas em conjunto com a prática esportiva, tais como a formação integral e crítica do ser humano, participação, solidariedade, criatividade e a competitividade. Além desses pontos, Bickel, Marques e Santos (2012) apontam que o esporte possibilita a apreensão de valores como cooperação, respeito, disciplina, honestidade, e também algumas questões psicológicas, como por exemplo, como lidar com as derrotas. Dessa maneira, uma vez que as entrevistadas iniciaram no esporte muito cedo, entre 14 e 17 anos, além da aprendizagem de um esporte de combate, também houve desenvolvimento de sua formação social, educacional e de seu caráter.

Cada uma delas deu início à prática por motivos diferentes, em estudos já realizados são apontados diversos fatores para adesão e aderência às artes marciais, como: divertimento, estética, socialização, saúde, autoestima, divertimento (ALVES, 2010); localização, sociabilidade, ambiente, finalidades estéticas, dinamismo do esporte (SILVA, 2012). Quanto às atletas entrevistadas, A1 foi motivada pelas amigas, A2 entrou com a pretensão de competir, e A3 participava de uma torcida organizada da cidade e queria aprender uma modalidade de combate para participar das brigas de torcida. Já entre as atletas profissionais, P1 aderiu devido a um caso de estupro na família e a pedido da mãe começou a treinar para aprender golpes de defesa pessoal,

²⁰ Todas as atletas iniciaram no muay thai, A1, P1 e P3 fizeram sua primeira aula aos 16 anos, A2 e P2 aos 17 anos e A3 aos 14 anos.

P2 e P3 foram praticar com uma amiga e por fatores estéticos. Embora nenhuma das atletas acompanhasse as lutas antes de praticar, e sua adesão e aderência tenham ocorrido motivos diferentes, assim como já apresentado por Silva (2012), as atletas disseram que foram bem recepcionadas nas academias e se sentiram bem nos treinos, tendo como um dos fatores principais para permanecer, o ambiente.

Apenas A2 aderiu ao esporte com a pretensão de lutar, mas declarações como a de A1 caracteriza a mudança do comportamento tanto da atleta ao incorporar a modalidade, quanto ao esforço deste espaço/esporte em recebê-las e incentivá-las:

Eu fui fazer minha primeira aula com 16 anos [...]. Ah eu me dei bem desde a primeira vez, gostei, era meio desengonçada, mas foi assim, o professor acreditou no nosso potencial, porque depois ficou só eu e a [companheira de treino, atleta profissional] e depois ele foi investindo, investindo, nós treinávamos três vezes por dia, é, três vezes, e daí depois de nove meses de treino nós fizemos a primeira luta, lá em São Paulo, e eu já saí campeã, me empolguei e continuei.

A determinação em permanecer no esporte e a dedicação de A3 foi o que a levou às competições:

Eu era a mais novinha e menina ainda, fiquei muito sem graça, mas foi bem legal, e eu queria ir segunda, quarta e sexta, segunda, quarta e sexta, não queria faltar mais [...]. Só quando deu uns oito meses de treino, daí eu lembro que teve o primeiro *Golden Girls*²¹, o primeiro evento de lutas só femininas, falei com meu treinador e ele disse que estava bem e podia lutar, era tudo que eu queria ouvir naquele momento.

Para A2 a trajetória foi mais curta até as competições:

[...] quando eu vi a [companheira de treino, atleta profissional] e a [companheira de treino, atleta amadora] fazendo *sparring*²², eu questionei "eu vou poder fazer isso?", "vai", e eu disse "ah, eu quero treinar" [...]. Ah, eu me senti bem por que, para extravasar né, aquele negócio de você poder bater nas pessoas e depois cumprimentar, eu achei super legal, nossa, eu vou poder socar a cara dele e ele a minha, mas... foi essa a impressão que eu tive, eu gosto, aí por isso também o apelido do [boxeador famoso, recebido pela atleta ao longo dos treinos e competições], aquele "sangue no olho", sabe? E em 4 meses de treino eu fiz a primeira luta.

²¹ Primeiro evento de lutas somente de mulheres no país, sua primeira edição ocorreu em 2010, na cidade de Curitiba/PR.

²² Simulação de luta que ocorre nos treinos.

Os depoimentos retratam não somente o comportamento modificado das mulheres em relação às lutas, mas também caracterizam um espaço que antes restrito a elas, agora as acolhe, incentiva e permite que as mulheres apropriem-se dele, mostrando que, bem como comprovado por Silva (2012, p.36) em seu estudo com praticantes mulheres de boxe, "a inserção das mulheres revela um movimento de ressignificação e adaptação [...] para estes novos sujeitos praticantes".

Além das modificações no *habitus*, dentre suas formas, o capital cultural incorporado é o que se relaciona diretamente com este estudo. De acordo com Bourdieu (1999), o estado incorporado refere-se a algo que foi absorvido, apreendido, e que se tornou parte do ser, passou a ser armazenado como parte integrante do indivíduo, exatamente como as modalidades de combate têm passado a fazer parte do mundo dessas mulheres.

Embora culturalmente as meninas não sejam comumente estimuladas durante sua formação a participar dos esportes de combate, essas atletas optaram pela prática dos mesmos, gerando experiências muitas vezes particulares, como no caso específico das entrevistadas, e absorvendo o esquema social deste(s) esporte(s) de maneira diferenciada. A forma de vivenciar essa experiência, ao ingressar em uma modalidade de luta e escolher entrar em competições, caracteriza elementos da aquisição de capital cultural individualizado que passa a determinar as preferências dessas mulheres, as quais são afirmadas a partir de sua permanência no esporte e nas competições. A incorporação desse capital cultural passa também a ter caráter formador do *habitus*.

Neste estudo, nenhuma das entrevistadas tem ou teve algum familiar próximo que pratica ou praticava alguma modalidade de combate, isto não estava no seio de sua educação e não fazia parte de seu capital cultural. Porém, inspiradas principalmente pela lutadora Cris Cyborg²³ e entre outros atletas homens, elas escolhem estar e fazer parte deste universo. Se primariamente o *habitus* existente entre as modalidades de combate era a

²³ A lutadora Cristiane Justino Venancio, que tem como nome artístico Cris Cyborg, é natural de Curitiba/PR e lutadora há 10 anos. Atualmente compete no MMA profissional e luta pela organização Invicta FC. Fará sua estreia no maior evento de MMA do mundo, o UFC (Ultimate Fighter Championship), em 2015. Em seu histórico, tem 13 lutas de MMA profissional, sendo 12 vitórias e apenas 01 derrota.

predominância de homens na prática e nas competições, atualmente a participação das mulheres está cada vez mais frequente.

Ao se tornarem atletas, não somente elas se modificam, mas também provocam mudanças neste espaço social que tem as recebido e formado novas atletas, interiorizando o que está em seu exterior e exteriorizando aquilo que trazem em seu interior. A partir do que propõe Bourdieu, pode-se dizer que o *habitus* é uma gama de fatores, ao mesmo tempo em que determina o modo de ser, as atividades e a conduta de um indivíduo, também é influenciado pelo meio social no qual o indivíduo está inserido, que da mesma forma faz com que o indivíduo, a partir de seu *habitus*, influencie naquele meio. Desta maneira, as estruturas não somente recebem os indivíduos, mas recolhem aquilo que os indivíduos trazem consigo, de maneira que o espaço e o *habitus* ali presente estão constantemente sendo reconstruídos. Afinal, o *habitus* é arquitetado de maneira simultânea por ações passadas, mas também por representações presentes (WACQUANT, 2007).

Ainda na categoria *habitus*/capital cultural, as entrevistadas foram questionadas se aderiram às modalidades de combate com a pretensão de lutar, quais modalidades praticam atualmente e há quanto tempo praticam cada uma delas, sua graduação nas modalidades, qual a idade em sua primeira luta, e se já competiram fora de Curitiba, como está representado na tabela abaixo:

Atleta	Entrou com a pretensão de lutar?	Pratica quais modalidades? Há quanto tempo?	Qual sua graduação?	Com quantos anos fez sua primeira competição?	Já lutou fora de Curitiba?
A1	Não	Muay thai (04 anos)	Muay thai faixa ponta azul-escura (avançado); Jiu jitsu faixa branca 04 graus (iniciante)	16 anos	São Paulo e Japão
A2	Sim	Muay thai (04 anos); Jiu-jitsu, boxe, MMA, <i>submission</i> , <i>wrestling</i> (03 anos)	Muay thai faixa ponta azul-escura (avançado); Jiu jitsu faixa branca 04 graus (iniciante)	17 anos	São Paulo e Santa Catarina
A3	Não	Muay thai e Jiu jitsu (04 anos)	Muay thai faixa azul-clara (intermediário); Jiu jitsu faixa branca 04 graus (iniciante)	14 anos	São Paulo
P1	Não	Muay thai (05 anos); Jiu jitsu (entre 01 ano e 06 meses e 02 anos); MMA e	Muay thai faixa ponta azul-escura (avançado); Jiu	Amador: 16 anos; Profissional: 20 anos	São Paulo

		<i>wrestling</i> (10 meses)	jitsu faixa branca 04 graus (iniciante)		
P2	Não	Muay thai (07 anos); MMA, Jiu jitsu, <i>Wrestling</i> Boxe (não informou há quanto tempo pratica)	Muay thai faixa azul-escuro (avançado); Jiu jitsu faixa azul (intermediário)	Amador: 17 anos; Profissional: 22 anos	Argentina, México, Peru
P3	Não	Muay thai (04 anos e 07 meses); Jiu jitsu (01 ano e 06 meses); <i>Wrestling</i> (10 meses)	Muay thai faixa azul-clara (intermediário); Jiu jitsu faixa azul (intermediário)	Amador: 16 anos; Profissional: 19 anos	São Paulo, Balneário Camboriú, Florianópolis

QUADRO 02: Dados sobre a pretensão das atletas, modalidades que praticam, tempo de prática, graduação, idade da primeira competição e competições fora de Curitiba.

FONTE: Elaboração da própria autora (2014).

De acordo com os dados expostos na tabela a inserção nas competições de quase todas as entrevistadas ocorreu a partir de seu interesse desenvolvido ao longo dos treinos, ao assistir competições e por incentivo do treinador. Exceto a atleta A1, todas as demais treinam mais de uma modalidade, chegando a treinar até cinco modalidades diferentes, no mínimo há 10 meses e no máximo há 07 anos. Todas as atletas entrevistadas são graduadas em mais de uma das modalidades que praticam. As atletas fizeram sua primeira competição entre 14 e 16 anos, e todas elas já competiram fora de Curitiba e até mesmo do país.

Embora a maioria das entrevistadas não tivesse a pretensão inicial de lutar, todas elas fizeram sua primeira competição em seu primeiro ano de prática impulsionadas pela convivência com as lutas em suas academias, através dos eventos e vídeos, pela vontade de participar do evento *Golden Girls*, e também pelo incentivo do treinador. A mudança de visão acerca da prática e objetivo dentro dela, que inicialmente era motivada basicamente por fatores estéticos, deslocou-se e modificou os interesses dessas atletas, e uma adição em suas próprias características, isto é, no *habitus* de sua prática física, e na composição de seu capital cultural. Uma vez que os interesses se modificaram, a prática das modalidades adquirem outro caráter, o qual trouxe a vida das atletas a responsabilidade de representar sua academia, maior volume/intensidade de treino, compromisso profissional com o esporte, dedicação dentro e fora da academia (tantos nos treinos, como, por exemplo, no cuidado com a alimentação e preparo físico pré-luta), entre outras características.

Outros dados apresentados como o tempo de prática, as graduações em diferentes modalidades, a iniciação nas competições ainda na fase jovem e a representação tanto de sua academia como das mulheres neste âmbito esportivo, torna possível observar as características anexadas ao capital cultural incorporado das entrevistadas. A ressignificação da prática ocorrida a partir da inserção delas nas modalidades, mas principalmente de sua inserção nas competições, caracteriza a construção do *habitus* apresentado por elas, o qual se traduz por "um estado adquirido e firmemente estabelecido do caráter moral que orienta os nossos sentimentos e desejos numa situação e, como tal, a nossa conduta" (WACQUANT, 2007, p.65). De acordo com Laplane e Dobranszky (2002, p.63) "a transmissão do capital cultural requer investimento de tempo", assim sendo, pode-se perceber que não somente a transmissão, mas também sua apreensão requer tempo investido, e no caso das atletas, ele é transmitido dentro da instituição onde praticam as modalidades de combate, e sua apreensão se dá principalmente pela quantidade de prática. O entendimento do capital cultural que é estritamente relacionado ao *habitus*, mostra que esses conhecimentos, experiências, reproduções e valores apreendidos por elas nas academias, apresentam novas competências e saberes que passam a constituir quem são essas atletas e determinam suas preferências, personalizando e distinguindo cada uma delas a partir desses novos aspectos de seu capital cultural (BOURDIEU, 2007).

3.2.2 Destaque na sociedade / recompensa financeira / apoio / patrocínio

Diversos motivos influem na adesão e permanência dos jovens nos esportes, Kondric *et al.* (2013), verificaram que os principais fatores para a busca por esportes entre jovens de três diferentes países, são pela prática com um amigo, se tornarem populares, saúde, por considerarem o esporte algo que eleva seu status social, participação em competições e esporte como meio de relaxamento. Gil *et al.* (1983) verificaram que entre os jovens, os principais motivos para a prática de uma modalidade esportiva era a busca pelo desenvolvimento de suas habilidades, para se tornarem atletas profissionais,

se tonarem famosos através do esporte, e para participarem de competições. Para o objeto de estudo deste trabalho, bem como em produções já realizadas, as principais motivações dessas atletas para a participação não só nas modalidades de combate, mas também de competições, relaciona-se ao reconhecimento pelo trabalho desenvolvido como atleta, à vontade de profissionalizar-se no esporte, participação de competições e, principalmente, ao retorno financeiro.

Ao serem questionadas se tinham a intenção de se profissionalizar no esporte, A1 e A2 responderam sim, e junto à profissionalização falaram também sobre paixão pelo esporte, retorno financeiro, reconhecimento e fama:

Não é dinheiro, por que muay thai para mulher a gente sabe que é, a remuneração é bem baixa, o MMA já está crescendo, mas o muay thai ainda é pouco, é mais por paixão assim sabe, pela adrenalina [...] (A1).

[...] imagina fazer uma luta e sair na TV, ser reconhecida, ganhar um nome né? Eu acho sensacional. Se tornou um sonho. [...] é incrível você entrar no octógono e ter um monte de gente olhando [...], estar ganhando alguma coisa por isso, por que não deixa de ser uma profissão (A2).

Wacquant (2002) realizou um estudo em um ginásio de boxe em Chicago, onde não havia mulheres treinando, entretanto, os atletas tinham pretensões que em muito se assemelham com as mulheres desse estudo, e em especial, a possibilidade de ter o esporte como profissão. Embora em uma realidade social diferente, para os atletas investigados pelo autor, se tornar lutador de boxe além da possibilidade de profissão, também era uma chance de sair do gueto e ascender financeiramente. Para as atletas dessa pesquisa, possivelmente a ascensão financeira é vista como consequência de seu rendimento, mas a profissionalização é seu principal intuito.

A atleta A3 apresenta outras perspectivas além da profissionalização:

Quando eu era mais nova eu pensava "eu quero isso para a minha vida", só que quando você começa a ficar maior de idade, vai conhecendo a sua galera, fazendo faculdade, comprando carro, isso e aquilo, no muay thai, no mundo da luta, não é tão fácil assim, você tem que se dedicar totalmente aquilo, você passa por muita dificuldade para poder crescer e eu não estou querendo passar por isso, entendeu? Não tenho pai e mãe para me ajudar com isso, eu tenho que trabalhar, tenho que ter o meu trabalho para pagar passagem, minha comida de dieta, coisas assim, a bolsa da

academia tem que sair do meu bolso, eu não gosto de pedir para a minha mãe e para o meu pai, por que eles nunca me apoiaram por que era uma coisa que era para ser um esporte e eu estava levando muito a sério, né? E eu queria, antes eu queria isso para a minha vida, mas agora eu estou vendo que não é minha prioridade, agora. [...] Sim, um dia pode voltar, quando eu tiver as minhas coisinhas formadas, a minha casa, o meu carro.

Para ela, existe a possibilidade de profissão dentro do mundo das lutas, mas se tornar atleta profissionalmente deixou de ser prioridade quando percebeu que suas condições financeiras não permitiriam que se dedicasse totalmente às lutas e que o retorno financeiro a partir do esporte demoraria a se concretizar, por isso, escolheu continuar no esporte amador.

Entre as profissionais, todas almejavam competir no esporte profissional, já tinham adquirido experiência e número de lutas suficiente de acordo com seus treinadores e assim passaram as competições profissionais. Todas têm trabalhos paralelos aos treinos para conseguirem se manter financeiramente, porém além de serem profissionais pensando na divisão esporte amador/profissional dentro das lutas²⁴, também desejam ser atleta como única profissão e emprego, e assim, conquistar a ascensão profissional e financeira através das lutas:

[...] por mais que continue sendo difícil, já começa a ter alguma coisa, por exemplo, na minha primeira luta eu fiquei de ganhar 800 reais, assim foi, não tive contrato nada, normalmente tem contrato, mas os profissionais [organizadores do evento] falaram "vão ser 800 reais pela luta ganhando ou perdendo", eu nunca ganhei um real lutando pelo amador, nada, sempre tirei do meu bolso, daí eu fui, estava treinando super bem para isso, chegou no dia da pesagem eu estava com fome, estressada, eles falaram que não ia dar para pagar a bolsa e que o que eu vendesse de ingressos ia ser minha bolsa, e eu tive que correr atrás de ingressos um dia antes da luta, então ainda não dão muito valor sabe? Para o nosso trabalho. O que ganhamos na luta não paga o nosso investimento com suplementação, com lesão, com tratamento, com massagem, não paga nem um pouco, mas já é um retorno né? É o começo para lá na frente ser maior. (P1)

Todo mundo quer lutar ou quer ser campeão do UFC, ou do maior evento que tiver no momento, todo mundo quer se manter só de luta, quer poder só treinar e não precisar ter outros trabalhos e não precisar fazer outras coisas para conseguir manter os treinos, então tem a ver com retorno financeiro, tem a ver com ser reconhecida pelo

²⁴ Vale ressaltar que em alguns esportes, como, por exemplo, o futebol, os atletas profissionais são aqueles que sobrevivem financeiramente exclusivamente do esporte, já nas lutas, se tornar atleta profissional está relacionado ao número de lutas já realizadas, nível técnico, escolha do treinador em colocar o atleta no esporte profissional, entre outros fatores, que não são determinados exclusivamente pelo âmbito financeiro.

seu trabalho, não é fama né? É ser reconhecida pelo que você faz, tem a ver com tudo isso. (P3)

A2 que ainda compete no amador vislumbra melhorias no futuro quanto ao retorno financeiro:

De fato, sim, vai voltar [o investimento financeiro], com as lutas volta, tem luta que até as mais simples um atleta ganha por fazer 25 minutos de luta, a cada 5 minutos, 5 rounds por 1 de descanso, imagina você ganhar 1000 reais por isso? [...] você já se imaginou ganhando 1000 reais para fazer uma luta de 5 rounds, cada round 5 minutos, por 1 de descanso? [...] por mais que seja pouco no começo, só tende a crescer [...].

Para P2, que tem o maior número de lutas entre as profissionais, o retorno financeiro já está começando a acontecer:

Eu coloco o preço, dependendo do evento, agora eu vou lutar no XFC²⁵, o contrato, quem fechou o valor da bolsa da luta foi o evento, a primeira luta que eu fiz foi um valor, agora como eu estou na final do grande prêmio aumentou a bolsa da luta, é outro valor. Eu estava ganhando em torno de 1000 reais na minha bolsa inicial, agora como eu já estou em um evento internacional, a minha bolsa está em 3 a 4 mil (P2).

P3 vislumbra o retorno financeiro futuramente ao dizer que "eu sei que eu vou recuperar isso um dia, lá na frente com certeza, por exemplo, quando eu chegar ao UFC, se Deus quiser, a bolsa com certeza é mais alta".

Embora a trajetória seja difícil, sua dedicação não é afetada pela falta de apoio financeiro e elas acreditam na ascensão profissional futuramente, bem como já apontado por Simões, Cortez e Conceição (2004), ao colocarem que a mulher tem ultrapassado o domínio masculino existente sobre os esportes. E, no caso desse estudo, nas modalidades de combate, elas têm conseguido resultados expressivos significativos e atualmente, vislumbram no esporte de alto rendimento uma maneira de ascensão social, além de fonte de renda que permitiria a liberdade financeira de trabalhar somente como atleta.

²⁵ O evento *Xtreme Fighting Championships MMA*, mundialmente conhecido como XFC, foi fundado em 2006, apresenta lutas de atletas homens e mulheres, parceiro de uma das maiores emissoras de televisão da América Latina, com cerca de 125 atletas contratados que representam mais de 23 países sobre o ringue.

Questionadas sobre sua satisfação com o esporte, as atletas amadoras mostraram em seus depoimentos certa compreensão sobre a falta de premiação existente no esporte amador e viam os gastos atuais como investimento que será recompensado quando chegarem as competições profissionais. As atletas que já competem profissionalmente disseram se sentir satisfeitas:

O profissional agora está melhor, em cada evento eles [organizadores do evento] estão optando em colocar pelo menos quatro ou cinco lutas femininas, tem evento que estão fazendo só com lutas femininas agora, estão dando mais atenção para o esporte feminino (P2).

Estou [satisfeita], não é muito mais fácil, mas é menos difícil do que para homem, é muito competição entre homens, e já nas meninas, por exemplo, em um evento que são dez lutas, uma é de menina, porque tem menos meninas, entendeu? Então é muito mais fácil, você faz quatro ou cinco lutas aqui no Brasil, você vê, são cinco vitórias consecutivas, com certeza você estará lutando fora daqui um ano, dois anos (P3).

Embora satisfeitas, também argumentam quanto à falta de investimento:

Acho que faltam bastante coisas, falta as pessoas acreditarem mais na luta mesmo, no MMA [...], ninguém acredita muito na mulherada. Falta patrocínio, falta apoio, falta verba, falta muita coisa (P1).

Aqui no Brasil falta investimento, não só para as mulheres, mas acho que para os homens também né? Nos Estados Unidos, eles [os atletas] têm incentivo no esporte relacionado à educação, você tem que competir no basquete ou *wrestling* para conseguir uma bolsa em uma faculdade, e aqui não, você não ganha nada em praticar esporte, você ainda às vezes é visto como se não fizesse nada da vida (P3).

Sobre o investimento, Coakley (2007) aponta que, na realidade norte-americana, os cortes financeiros nos esportes acontecem normalmente para as mulheres. O autor coloca que o esporte foi organizado de tal maneira que elas desenvolvem menos interesse e habilidades do que os homens, e que isto muitas vezes justifica os cortes realizados para elas, uma vez que com menos investimento, as mulheres acabam por se afastar das práticas esportivas e assim, desenvolver-se menos dentro dos esportes. Capitano (2005) aponta que apesar da notória evolução das mulheres dentro do meio esportivo, ainda há muito que se fazer para que sejam mais reconhecidas, menos

discriminadas, respeitadas, e principalmente, possam desenvolver-se nos esportes.

Há ainda outra questão relevante, a diferença salarial entre homens e mulheres, o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) apontou em 2013, que as mulheres recebem apenas cerca de 74% do valor total do salário dos homens para desempenhar as mesmas funções. No esporte, as diferenças salariais não são diferentes, comumente os atletas homens recebem maiores salários do que as mulheres. A mídia especializada disponibiliza diversas notícias acerca dessas diferenças, de acordo com um portal de notícias sobre esportes no Brasil²⁶, a jogadora de futebol Marta, eleita cinco vezes a melhor jogadora do mundo, recebeu 910 mil reais como pagamento anual de 2014, contra 5 milhões por mês recebidos por Neymar, um dos jogadores mais populares do Brasil, que embora indicado quatro vezes ao prêmio de melhor do mundo, ainda não conquistou o posto. Moraes e Antonelli (2014) citam exemplos das diferenças de premiação para homens e mulheres, em uma prova válida para o ranking nacional de ciclismo o prêmio para os homens é de 700 reais, e para as mulheres apenas 300, numa competição de *mountain bike* ocorrida em 2014, o vencedor da elite masculina ganhou um carro novo e a vencedora recebeu não mais do que 1000 reais, outro exemplo é uma proposta recebida por uma jogadora de basquete brasileira para jogar na WNBA de 173 mil por ano, enquanto um atleta homem na mesma função recebe 51,7 milhões por ano. Bachelet (2012), atual diretora-executiva da ONU Mulheres, aponta ainda outras diferenças, como por exemplo, o ocorrido nas últimas Olimpíadas em Londres, em 2012, onde a seleção masculina de futebol do Japão e a seleção de basquete da Austrália viajaram para os Jogos de primeira classe, enquanto as seleções femininas dos dois países viajaram de classe econômica.

Além das diferenças, a definição dos salários varia de acordo com o esporte, por exemplo, no futebol as(os) atletas recebem salário mensal, já nas lutas, os atletas não tem salário mensal pago pelos eventos que participam,

²⁶ Portal de notícias R7 de uma das maiores emissoras de televisão do país. Disponível em <<http://esportes.r7.com/futebol/fotos/mulheres-craques-do-futebol-ganham-miseria-perto-dos-boleiros-homens-veja-09062014?foto=2#!/foto/2>>. Acesso em 22 nov. 2014.

mas recebem uma quantia a cada luta²⁷. No UFC, o atual maior evento de MMA do mundo, as quantias são definidas pela colocação do atleta dentro de sua categoria de peso, apelo midiático, popularidade e resultados das últimas lutas. As atletas mulheres participam de apenas duas categorias do evento, enquanto os homens participam de oito categorias, ressaltando todos os pontos decisórios para o salário das(os) atletas desse evento, o UFC já fugiu à regra e proporcionou a oportunidade de uma atleta mulher receber maior salário do que um atleta homem da mesma categoria. Na categoria peso-galo (até 61 kg), em uma de suas últimas lutas, Ronda Rousey, atual campeã dessa categoria, recebeu 100 mil dólares, enquanto TJ Dillashaw, também campeão de sua categoria recebeu 83 mil dólares por sua última vitória. A outra categoria na qual as mulheres competem é a peso palha (categoria de menor peso, até 52 kg), a mais leve do UFC e das mulheres, já para os homens a categoria equivalente à essa que também é a mais leve para eles, chama-se peso mosca (até 56,7 kg), e fazendo uma equivalência entre essas duas categorias, ainda são os homens que recebem o melhor salário, uma vez que o atual campeão peso-mosca Demetrious Johnson, recebeu 183 mil dólares em sua última luta, e a atual campeã da categoria peso-palha Carla Esparza recebeu em sua última luta apenas 75 mil dólares, menos do que o dobro recebido por Johnson. Ressaltando que embora o UFC tenha fugido à regra e premiado uma atleta mulher com maior valor do que um atleta homem, ainda são os atletas homens que detêm as maiores bolsas e premiações do evento.

No Brasil, embora o mundo das lutas ainda careça de investimentos para as mulheres como apontam as entrevistadas, na realidade delas, as atletas amadoras tem recebido através dos apoiadores de suas equipes todo o equipamento para os treinos (luva, bandagem), protetores bucais, roupas tanto para treinar como para uso pessoal, refeições gratuitas em restaurante, equipe médica (fisioterapeuta, ortopedista, massagista, entre outras especialidades), desconto na mensalidade da academia e na compra de equipamentos, e algumas vezes receberam ajuda dos próprios treinadores com dinheiro, deslocamento e vestuário. Todas elas colocaram que são seus treinadores quem buscam o apoio e patrocínio, que raramente o próprio patrocinador se

²⁷ Além dessas quantias recebidas em cada luta, os atletas podem contar com patrocínios, os quais podem pagar ou não salário mensal aos seus patrocinados.

oferece para ajudá-las, e que a ajuda vem, como já citado acima, através de outros meios que não em forma de dinheiro. As atletas profissionais também recebem apoio de equipe médica, protetores bucais, suplementação, material para treinar, redução da mensalidade, suplementação, roupas para treinar e uma delas (P3) tem apoio para a preparação física e bolsa integral de curso de inglês. Quanto ao patrocínio em dinheiro, apenas a atleta P3 está em negociação de um patrocínio no valor de 2000 reais por mês.

No Brasil, o Ministério do Esporte desenvolveu em 2005 o programa Bolsa Atleta que visa patrocinar individualmente os atletas de alto rendimento que apresentam bons resultados em competições nacionais e internacionais, durante 01 ano, podendo ser renovado, e prioriza aqueles que competem nas modalidades participantes dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos, podendo patrocinar também aqueles das modalidades que não compõem os Jogos²⁸. Além desta bolsa, a SMELJ (Secretaria Municipal do Esporte, Lazer e Juventude) da Prefeitura Municipal de Curitiba/PR, implantou em 2002 a Lei de Incentivo ao Esporte que prevê a captação de recursos através do IPTU (Imposto Predial e Territorial Urbano) para investimento em projetos esportivos, que beneficia atletas, paratletas, profissionais de Educação Física no segmento Educação e entidades esportivas que não tenham fins lucrativos. Para receber a ajuda financeira da Secretaria, os atletas devem apresentar um projeto contendo sua documentação, formulário e o rendimento nas competições²⁹. O projeto Inteligência Esportiva disponibiliza um banco de dados com um levantamento que está sendo realizado sobre os atletas que recebem dinheiro dos programas Bolsa Atleta, Bolsa Pódio e projetos da Secretaria Municipal de Curitiba, ao consultar esse banco nenhuma das atletas entrevistadas para esse estudo consta em nenhum dos programas de bolsas esportivas³⁰.

Questionadas sobre as bolsas para mulheres atletas, todas as atletas responderam que deveria existir mais bolsas e que poderiam ser pagas pelo estado, prefeitura ou até mesmo por patrocinadores. As amadoras sugeriram o

²⁸ De acordo com as informações disponíveis do site oficial do programa Bolsa Atleta <<http://www2.esporte.gov.br/snear/bolsaAtleta/default.jsp>>, acesso em: 29 nov. 2014.

²⁹ De acordo com as informações disponíveis do site oficial da Prefeitura Municipal de Curitiba/PR <<http://www.curitiba.pr.gov.br/servicos/cidadao/incentivo-ao-esporte/743>>, acesso em: 29 nov. 2014.

³⁰ Banco de dados no link <<http://www.praticaclinica.com.br/ie/admin/home>>, acesso em: 10 dez. 2014.

valor entre 100 a 600 reais, e as profissionais entre 500 e 1500 reais. A atleta P2 comentou ainda que "é muito difícil você conseguir fazer [todos os passos para conseguir esse tipo de patrocínio], é complicado, até você conseguir o patrocínio lá...", o que parece desestimular a concorrência por esses patrocínios.

As atletas profissionais falaram ainda sobre outras mudanças depois de começarem a competir profissionalmente, tais como o contato dos patrocinadores com a equipe delas ao invés de o próprio treinador ir atrás de patrocínio, no esporte profissional elas não tem gastos com viagens e não pagam para participar dos eventos, além de, quanto mais lutas, maior a bolsa que passam a receber nos eventos.

3.2.3 Família

Sukys *et al.* (2014) verificou que as crianças com pais, e especialmente a figura paterna, que praticam atividade física de maneira regular, acabam por se inserir em algum esporte devido ao exemplo familiar, e que na transição para a vida adulta, somam-se também os fatores bem-estar e estética. Outro estudo realizado por Sallis, Prochaska e Taylor (2000), apontam que os incentivadores de maior influência na escolha e entrada dos indivíduos em alguma modalidade são os amigos, cônjuges e a família. Bourdieu (2002) coloca que aquilo ensinado pela família é grande parte do capital cultural e social de cada indivíduo, sendo que o capital social compreende as relações sociais e a quantidade e qualidade do grupo. Pelas relações sociais os indivíduos podem acessar os recursos disponíveis em cada grupo, nesse caso o grupo de sua família, realiza a troca de materiais simbólicos a partir do conhecimento de cada indivíduo, e a quantidade e a qualidade se relacionam à gama de relações e a quantidade dos diferentes capitais repassados de um indivíduo ao outro, de maneira que o capital simbólico pode tornar-se também cultural (BONAMINO, ALVES e FRANCO, 2010, p.489). Assim sendo, esses capitais repassados de suas famílias, será reproduzido por essas atletas principalmente dentro das relações sociais, o que coloca a família em um papel

decisório sobre quais espaços e quais relações serão estabelecidas pelos indivíduos ao longo da vida.

No presente estudo, embora a maioria das entrevistadas tenham pai e/ou mãe que são ou foram fisicamente ativos, em sua entrada nas modalidades de combate, apenas algumas delas tiveram incentivo dos pais ou de amigos próximos. Os pais de P1 e P2 no início de sua prática não as incentivavam argumentando que "não era esporte para menina", o que se distancia da importância em ser um indivíduo fisicamente ativo e relaciona-se diretamente com considerações tais quais as propostas por Goellner (2003) e Sousa (1994), as quais sugerem que os processos sociais e culturais construídos historicamente influem diretamente na formação das meninas e mulheres, especialmente no que diz respeito ao não incentivo na participação nas práticas de contato físico intenso, como as modalidades praticadas pelas atletas em questão.

Sallis, Hovell e Hofstetter (1992) destacam que o apoio social para a prática esportiva vem principalmente da família e influi de maneira direta no comportamento do indivíduo que está inserido em alguma prática física. Isto se afirma também entre as entrevistadas desse estudo, pois, mesmo com a resistência de alguns pais em seu primeiro contato com as lutas, após suas famílias acompanharem a evolução e considerarem o interesse das atletas em participar de competições, passaram a receber apoio familiar inclusive na compra dos materiais, acompanhamento dos treinos e lutas, incentivo na manutenção da dieta, entre outros.

Sobre a conciliação entre a vida de atleta e a vida familiar/social/pessoal, foi possível verificar que apenas a atleta A3 tem 01 filho, e as atletas amadoras mesmo atarefadas com outras atividades além dos treinos, como o trabalho e para algumas, a faculdade, conseguem conciliar a vida de atleta com sua vida pessoal. Já as atletas profissionais colocam:

[...] eu quase nunca paro em casa, tem dia que eu não vejo meus pais. Saio cedo de casa e volto bem tarde, não tenho tempo para mim, isso é o que eu mais sinto. De não conseguir sentar, pensar na vida, me cuidar, essas coisas, tenho bem pouco tempo. [...] já tive que abrir mão de bastante coisa, até mesmo família, tempo de sair, ver a família, essas coisas não tenho (P1)

Eu não tenho vida pessoal [risos], não [risos], eu só consigo treinar e fazer todos os treinos [...] quando está perto de luta, em ritmo de competição, você nem quer na verdade, chega cansada em casa, só tem sábado depois do meio dia até domingo para descansar, um dia e meio para aguentar seis dias de treino forte, então você nem quer sair de casa. **Não é tranquilo, mas são opções, temos que tomar decisões e arcar com as consequências, não é?** Não é legal, às vezes dá tristeza ficar em casa no domingo, seus amigos saindo, mas se eu saio, não consigo treinar direito, se não consigo treinar direito, não tem luta, não é? (P3, grifo nosso).

Como mencionado por P3, formar-se lutadora requer a tomada de decisões dentro e fora do tatame, como, por exemplo, abdicar de algumas atividades sociais e familiares. Essa formação modifica, como já abordado, o *habitus* dessas mulheres, mas também provoca o que Thomazini, Moraes e Almeida (2008, p.285) chama de 'educação do corpo', ou seja, elas passam a ter "um corpo estruturado e fisicamente remodelado conforme as exigências da prática em questão", seja para se dedicar aos treinos e competições, ou até mesmo para abrir mão de momentos com a família e amigos.

3.2.4 Estética

A estética a ser tratada nesta categoria refere-se não somente às questões culturais lançadas, por exemplo, por Kowalski e Ferreira (2007) no que tange ao julgamento do belo ou feio, magro ou gordo, entre outros, mas pretende também compreender as modificações estéticas no corpo das entrevistadas a partir dos esportes que praticam.

É interessante lembrar que em dado momento histórico no Brasil, mais especificamente entre os anos de 1941 e 1965, o Conselho Nacional de Desportos limitou através de leis a participação das mulheres em alguns esportes, argumentando principalmente a respeito das condições corporais. Condições estas que, dentro de um processo histórico e de construção cultural, afirmaram-se nessas leis e na época em questão, que esportes como, por exemplo, as lutas, eram incompatíveis com as mulheres, uma vez que o sexo feminino era visto de maneira fragilizada, algumas práticas eram consideradas masculinizantes e, portanto, não deveriam ser realizadas por mulheres.

Deslocando a prática esportiva das mulheres para os dias de hoje, não se encontram mais interdições legislativas quanto à prática esportiva e a relação delas com o corpo se aproxima do que Bourdieu (1983, p.17) denomina "relação instrumental com o próprio corpo", que é manifesta em cuidados com a saúde, beleza, alimentação, mas também:

[...] na escolha de esportes que demandam um grande investimento de esforços, às vezes de dor e sofrimento (como o boxe), e em certos casos exigem que o próprio corpo seja colocado em jogo, como a moto, o pára-quedismo, todas as formas de acrobacia e, em certa medida, todos os esportes de combate [...] (BOURDIEU, 1978, p.17).

Essa relação instrumental evidencia-se entre as entrevistadas deste estudo, as quais se dedicam exaustivamente às modalidades de combate utilizando seu corpo como instrumento e inseridas em uma rotina volumosa de trabalho como mostra o quadro abaixo.

Atleta	Modalidade principal de competição	Rotina de treino
A1	Muay thai	- 01 treino de muay thai de segunda a sexta; - Musculação de segunda a sexta
A2	MMA	- 01 treino de MMA de segunda a sexta; - 01 treino de muay thai de segunda a sexta; - 01 treino de jiu jitsu de segunda a sexta; - 01 treino de aeróbio em jejum de segunda a sexta; - Musculação 03 vezes por semana
A3	Muay thai	- 01 treino de muay thai segunda, quarta e sexta; - 02 treinos de muay thai terça e quinta; - 01 treino de jiu jitsu de segunda a sexta; - Musculação de segunda a sexta; - 01 treino aeróbio sábado e domingo
P1	MMA	- 01 treino de jiu jitsu de segunda a sexta; - 01 treino de MMA de segunda a quinta; - 01 treino de muay thai sexta; - 02 treinos de MMA sábado; - Preparação física 02 vezes por semana
P2	MMA	- 02 treinos de <i>wrestling</i> segunda e quarta; - 02 treinos de jiu jitsu de segunda a sexta; - 02 treinos de muay thai terça; - 02 treinos de MMA quinta e sábado; - 02 treinos de <i>submission</i> sexta; - Preparação física 02 vezes por semana; - Musculação de segunda a sexta
P3	MMA	- 01 treino de MMA segunda a quinta e sábado; - Preparação física segunda e sexta; - 01 treino de jiu jitsu de terça a sexta; - 01 treino de muay thai de terça a sexta

* Cada treino tem em média a duração de 01 hora

QUADRO 03: Rotina de treino das atletas amadoras e profissionais.

FONTE: Elaboração da própria autora (2014).

Com a rotina de treinamento das atletas, o corpo passou por modificações, as quais se afirmam nos dizeres das atletas em alegações de que o esporte modificou 'totalmente' (P3), 'nossa, bastante' (P1), 'mudou totalmente' (A1) seus corpos. Algumas delas falaram também sobre a aceitação do 'novo corpo':

[...] foi até difícil de me aceitar um pouco, braço grande, trapézio grande, fiquei mais forte, mais seca, mais definida, perdi um pouco da feminilidade nos membros superiores, mas agora já me acostumei, mas mudou bastante. Hoje em dia eu gosto, até gosto, prefiro treinar membros superiores do que inferiores, antigamente eu não gostava muito, tive dificuldade de me aceitar, de usar uma regata, mas hoje em dia é tranquilo (P1).

Quando eu comecei a treinar eu era meio gordinha, agora já me sinto bem mais forte, sinto que meu corpo mudou bastante, eu acho ainda que ficou bem masculina [risos], o corpo não fica tão feminino, mas não tem o que fazer, é o que escolhemos e é tranquilo (P2).

Na parte do ombro eu acho que quando você é menina você é mais fininha em cima, e hoje eu sou um pouco mais larga em cima, [...] alguém já reconhece 'você treina, você puxa ferro, é forte!' (P3).

Embora o esporte tenha modificado características de 'menina' como coloca P3 ou ainda tenha as masculinizado como coloca P2, as atletas aceitaram as modificações e dizem se sentir mais resistentes, fortes, com mais massa muscular, com menos gordura, o que são características importantes para uma lutadora, e que essas novas características em nada afetam sua feminilidade.

As modificações corporais a partir do esporte não anulam a preocupação dessas atletas com a beleza, mas acabam tomando o segundo plano quando o mais importante é a formação e o reconhecimento de uma verdadeira lutadora. Thomazini, Moraes e Almeida (2008, p.288) apontam que uma das características importantes sobre a conduta dos lutadores(as), é que esta:

[...] "atravessa", por assim dizer, os corpos dos(as) atletas, seja porque exige deles(as) um domínio de si cujo resultado é a transformação de seus corpos potencialmente explosivos em armas-brancas [...] ao ser assumido também pelas mulheres, desmitifica a ideia de que elas têm uma "essência" ou identidade que é incompatível com a prática dos esportes que envolvem um contato corporal mais acentuado, como é o caso dos esportes de combate.

Essa desconstrução sobre a incompatibilidade das mulheres acerca desta ou daquela prática esportiva, principalmente pelas questões associadas ao corpo, pode ser compreendida a partir de Bourdieu³¹ (citado por BRACHT, 2005, p.53), ao colocar que no esporte há uma disputa para estabelecer o corpo e sua utilização legítima nesse meio, seja no amador ou profissional. Ele propõe ainda que a relação existente entre o atleta e o seu corpo é questão essencial do *habitus*, e que é variável de acordo com o esporte ou o campo em questão. Para as entrevistadas desse estudo, a relação com o corpo parece estar estabelecida enquanto ferramenta de trabalho, capaz de exercer as funções exigidas nas modalidades de combate, e ainda que pode se modificar de maneira a contribuir com seu desempenho e resultados.

3.2.5 Emancipação

A história das mulheres mudou. Em seus objetos, em seus pontos de vista. Partiu de uma história do corpo e dos papéis desempenhados na vida privada para chegar a uma história das mulheres no espaço público da cidade, do trabalho, da política, da guerra, da criação. Partiu de uma história das mulheres vítimas para chegar a uma história das mulheres ativas, nas múltiplas interações que provocam a mudança (PERROT, 2007, p.15).

A trajetória das mulheres dentro da sociedade, e especialmente na realidade brasileira, é marcada por muitos conflitos, consentimentos, diferenciações sociais e rupturas. O difícil percurso das mulheres em busca de emancipar-se atinge diversas áreas sociais, inclusive os esportes. Pereira e Chaves (2012) ao comentarem sobre a participação das mulheres nas artes marciais colocam que uma vez que a predominância comumente é masculina, muitas vezes as praticantes e atletas sofrem repressão social devido à ideia social de que esse não é um esporte feminino, além de abordarem outros esportes, como o automobilismo, os esportes radicais e de aventura, surfe, skate, nos quais a realidade não se difere totalmente das lutas, já que mesmo participantes, as mulheres estão longe de ter seu espaço demarcado, definido

³¹ BOURDIEU, P. Historische und soziale Voraussetzungen modernen Sports. In: HORTLEDER; GEBAUER (Hrsg.). **Sport-Eros-Tod**. Frankfurt; Suhrkamp, 1986, p.91-112.

e plenamente conquistado, e embora a luta por igualdade já ocorra há algum tempo, os homens atletas ainda têm mais oportunidades do que as mulheres atletas.

Farias (2014, p.28) ao entrevistar atletas brasileiras de destaque, constatou que "as mulheres brasileiras conquistaram prestígio e ascensão social no campo esportivo, paulatinamente". De acordo com ela, as conquistas, contradições e rupturas para as mulheres esportistas - que acabavam por influenciar na sociedade como um todo e vice-versa - ocorreram em meio a conflitos que vão de classe, etnia, mudanças legislativas, culturais, diferenciação a partir dos gêneros, até as características distintivas de cada esporte, e afirma que as mulheres conquistaram plenamente o direito de participação nos diferentes esportes, embora os impasses, dificuldades e desafios ainda não tenham chegado ao fim. Neste mesmo pensamento, de acordo com Goellner (2012), não se pode afirmar que as mulheres tenham o mesmo acesso e oportunidades ofertadas aos homens, porém, se nos primórdios da história do Brasil a mulher desempenhava apenas o papel de espectadora, atualmente, deve-se reconhecer que a mulher se faz presente no espaço esportivo, e que já ocupa outras funções como praticante, atleta, técnica, gestora, comentadora, árbitra, entre outros, afirmando tempo após tempo sua emancipação e capacidade de ocupar diversas funções.

Para abordarmos a categoria emancipação para as entrevistadas, a seguinte questão foi lançada: *Ao longo da história, as mulheres lutaram muito para se emanciparem, e assim, serem vistas de maneira mais igualitária dentro da sociedade. Em sua opinião, como a inserção das mulheres nos esportes de combate pode contribuir para esta emancipação e a igualdade?*

Todas as atletas responderam que a participação das mulheres no universo das lutas têm provocado mudanças em como são vistas não somente neste âmbito, mas na sociedade como um todo, e pareceram estar relativamente informadas sobre os processos culturais e históricos de modificações, mais especificamente sobre as modalidades de combate:

Eu acho que realmente as atletas dentro das lutas transferem para todas as mulheres [da sociedade], uma visão para todas, que elas estão ganhando espaço e que podem, e nós estamos ali em cima [do ringue] para representar todas as mulheres do mundo, não só as meninas ali [lutadoras] (P1).

[...] você sempre vai ver que mulher tem mais garra, acho que isso muda a visão no mundo, então para contratar uma mulher que é chefe, vai ser gerente de uma loja, você vai ver que ela vai ter pulso firme, entendeu? Acho que acaba mudando a visão geral [da sociedade]. (P3)

Se ao longo da história e pela reprodução cultural, as mulheres não faziam parte do universo das lutas, atualmente elas lutam dentro dos ringues e também a favor de algumas desconstruções acerca do sexo feminino:

Acho que é uma ótima oportunidade para as mulheres mostrarem que elas não são o sexo frágil, que elas também podem fazer as mesmas coisas que os homens, [...] para quebrar barreiras mesmo, é um esporte masculinizado [os esportes de combate], mas as mulheres estão ganhando muito espaço hoje em dia, tem vários eventos que estão contratando mulheres, tem eventos só femininos, acho que as mulheres estão ganhando seu espaço e isso é ótimo para verem que nós não somos o sexo frágil (P1).

[...] de certa forma ela [mulher lutadora] rompe barreiras ali, por que todo mundo achava que não era uma coisa para mulher, só que isso está mudando hoje, tanto que quando você fala "eu sou lutadora" alguns admiram (A2).

O que ainda não anula a hegemonia masculina neste universo:

Acho que desenvolveu bastante, mas tem que desenvolver um pouco mais, porque ainda é fechado né? Por ser mulher, os homens ainda julgam demais e eles querendo ou não ainda dominam. Mas nós um dia chegamos lá (A2).

P3 comenta ainda a respeito do papel da mulher dentro e fora dos ringues:

[...] duas meninas femininas lutando e mostrando que são boas em porrada, acho que, nossa, ajuda bastante, mostra que mulher tem independência, que pode estar a frente de qualquer situação, pode ser de igual para igual com qualquer um, em qualquer situação na vida (P3).

3.2.6 Preconceito

Ao serem abordadas sobre o preconceito, as entrevistadas comentaram que ele ocorre de maneira verbalizada e por indivíduos que não tem relação direta com o universo das lutas. Este tipo de preconceito pode caracterizar uma

forma de violência simbólica (BOURDIEU, 2003), uma forma de dominação que ocorre em parte pelo assentimento de quem sofre a violência, mas principalmente pela naturalização e inabilidade de reconhecer o comportamento violento/preconceituoso de quem pratica. Capitanio (2005) aponta ainda que os estereótipos e concepções são usualmente atribuídos às mulheres praticantes de modalidades convencionalmente consideradas masculinas, tais como as modalidades de combate.

Duas das atletas relataram já ter sofrido preconceito, A3 relatou que ouviu comentários de que mulheres lutadoras ficam com o corpo masculinizado e que este corpo se torna feio. A segunda atleta relatou:

Ah, eu já sofri preconceito bastante em banheiro feminino, muito, por exemplo, no banheiro da academia, o banheiro é conjunto das meninas que lutam e das meninas da academia [musculação], é uma academia de classe social mais alta, e tem bastante mulher que fica olhando, que não gosta de se trocar na minha frente, um dia eu estava arrumada e eu acho que as meninas não perceberam que eu lutava e disseram "ah aquelas meninas da luta fedem, etc", já vi isso, também de achar que somos homossexuais porque lutamos, bastante, no banheiro mesmo, até fora, tem gente que fala "ah, você luta", ninguém dá muita atenção, ou então "ah, deve treinar" [duvidando que participe de competições], ou então "ah, é homossexual" (P1).

As atletas relataram ainda que os companheiros de treino e treinadores não têm comportamentos preconceituosos e que isso inclusive incentivou sua adesão às lutas no início da prática, como relatou A3 "o professor foi muito querido, por ser mulher e por não ter mulher na academia, eles tratam super bem [...] na maioria das equipes eles sempre tratam bem". Embora convivam com algumas demonstrações preconceituosas, as atletas mostraram que isto não interfere em sua prática.

As atletas também foram questionadas sobre as expectativas acerca das lutas de atletas mulheres e de atletas homens, e apresentaram dois posicionamentos distintos:

Já ouvi muita gente falar assim, vai ter um evento de luta, vai ter tantas lutas e duas femininas, 'ah, luta feminina? Que chato', 'não gosto de luta feminina, por que não lutam direito' (A3).

Luta e homem, acho que todo mundo sempre vê luta e sexo masculino, eu acho difícil a mulher conseguir esse espaço, representar a luta, a mulher representar a luta como esporte. [...]

Acho que esperam mais do homem né? Eu vejo que esperam mais do homem, homem é mais forte e tal, é isso [...]. Acho que tem essa visão de que mulher é inferior tecnicamente, que está ali para se mostrar mesmo e que homem tem mais técnica, que a luta de homem é mais legal, essas coisas (P1).

Em contraponto, outras atletas colocaram que:

É, nos eventos vemos que tem bem mais luta de homem do que de mulher né? Mas o público cada vez mais está querendo ver a luta da mulher, eles pedem luta feminina sabe? Então eu acho que as mulheres estão mostrando muita técnica, às vezes mais técnica que os homens... Às vezes [os homens] até perdem um pouco da técnica em cima do ringue sabe? A mulher já é mais técnica, já procura fazer tudo certinho, então acho que eles querem mesmo é ver a técnica em cima do ringue das mulheres. [...] diz que é o sexo frágil e tal, e daí esta lá dando um show [em cima do ringue]. No UFC, já foi eleita a melhor luta da noite uma luta feminina, né? (A1).

Acho que quando vão, tem bastante gente que vai assistir luta feminina por que a luta é mais técnica e as meninas são mais agressivas. [...] ainda é uma curiosidade, tem gente que tem curiosidade em ver mulher lutar, então eles [telespectadores] vão a um evento para ver uma luta feminina, claro que os homens ainda são maioria, né? Ainda estão dominando, mas tem bastante gente que gosta e tem curiosidade em ver o esporte feminino (P2).

Antunez (2001) aponta que as concepções e os parâmetros culturais podem provocar tratamentos diferentes para meninos e meninas no meio esportivo, o que vai caracterizando suas identidades. Desta maneira, espera-se que as atletas do sexo feminino apresentem diferenças entre seu rendimento quando comparadas aos homens, a expectativa é menor de que elas obtenham êxito, e espera-se também que tenham menos aptidão para o treinamento e as competências físicas exigidas por ele, e maior aptidão no que diz respeito à sensibilidade, intelectualidade e criatividade. Diferente do que averiguou Antunez, nesse estudo foi possível perceber a partir dos depoimentos colhidos que embora por vezes a expectativa acerca do rendimento do sexo masculino seja maior, as meninas apresentam muita técnica e as competências físicas necessárias para participar de competições.

3.2.7 Desigualdade de gêneros

Coakley (2007) ao investigar a realidade norte-americana, afirma que as oportunidades dentro dos esportes estão intimamente relacionadas ao gênero, de maneira que o gênero feminino tem o acesso restrito devido à organização esportiva que foi feita por homens e para homens. Gastaldo (1995) coloca que o ambiente nos espaços de prática das modalidades de combate é caracterizado pela significação de virilidade que julga a presença feminina um confronto à organização simbólica desse universo. Na realidade estudada, observa-se um movimento de modificação dentro dos esportes no que se refere ao acesso para elas:

Eu acho que hoje não tem tanta diferença, se você chegar numa academia e falar "quero treinar muay thai", eles vão te receber de braços abertos. O que antigamente para mulher não tinha, ia ser uma coisa meio absurda, "nossa ela vai vir para tomar porrada", eles provavelmente iam colocar ela em um canto para fazer um treino técnico, enquanto os outros dariam socos, hoje em dia você não vê muito disso. Então eu acho que não tem muita dificuldade, não tem muita diferença, hoje em dia está igual (A2).

Embora o acesso para a inserção nas práticas não apresente barreiras que restrinjam o sexo feminino, as atletas apontaram que nas competições existem algumas limitações:

Para homem é muito mais fácil, muito mais aceitável, um evento de homem, por exemplo, com *card*³² mais masculino, comparece mais gente, em um evento com *card* mais feminino não vão tantas pessoas, e por isso até que eventos que passam na televisão não contratam tantas mulheres para participar do evento, por exemplo, tem no máximo duas lutas femininas para vender o evento, por que ainda não está igual (P1).

De praticar não, de praticar eu acho que é meio igual tanto para o sexo masculino quanto para o feminino, agora para lutar é mais difícil [...] por isso acho que até não tem mais mulheres lutadoras, falta incentivo (A3).

Essas falas podem ser compreendidas a partir do que aponta Capitano (2005) ao colocar que as regras determinadas socialmente são colocadas de maneira que a predominância do gênero masculino pareça normal. Especialmente nos esportes, há uma super valorização das qualidades consideradas masculinas, tais quais força, poder, entre outras, e sub

³² Termo utilizado nas lutas que se refere à programação das lutas que ocorrem em cada evento.

valorização das qualidades consideradas femininas, como fragilidade, delicadeza, entre outros, e aqueles que apresentarem características diferentes de sua 'natureza' estão fora dos padrões, e podem sofrer consequências uma vez que a distinção acentuada dos gêneros intenta a manutenção do gênero dominante nesse tipo de esporte, o gênero masculino.

As oportunidades dentro dos esportes estão diretamente relacionadas ao gênero e a participação de atletas homens e mulheres também influenciam o consumo e mercado esportivo. Uma vez que grande parte dos esportes são associados ao sexo masculino, o consumo, mais especificamente no caso dos esportes de combates, é conduzido pela participação masculina nos eventos, o que atrai a maior parte do público que também é masculino, porém as mulheres gradativamente tem entrado nesse meio não só sobre o ringue, mas também entre os espectadores, como afirma T1:

Eu acho que é misturado, 50% de cada [homens e mulheres], não vem mais homem ou vem mais mulher, eu acho que quando é um evento masculino vem mais homens, e no evento feminino vem mais mulheres, porque daí tem aquela amiga que treina junto, a prima, a irmã que vem assistir a amiga lutar. [...] quando é um evento só feminino vêm mais mulheres, mas vem bastante homem assistir também porque gosta de luta.

As atletas também foram questionadas se acaso fossem homens haveria algo diferente para elas no esporte do que o que está sendo oferecido. Quatro delas, tanto amadoras, quanto profissionais, disseram que se fossem homens teriam mais lutas, maiores oportunidades de ascensão profissional e maior visibilidade. A3 disse que não haveria nada diferente e P1 comentou que acreditaria mais nas mulheres neste meio, pelo reflexo do grande incentivo dado ao seu treinador à equipe feminina.

E sobre considerarem as modalidades praticadas como masculinas, apenas P1 disse considerar por não conseguir demonstrar a mesma brutalidade dos homens atletas nas competições. Já o restante das atletas disse não considerar as modalidades como práticas masculinas, e todas elas afirmaram que utilizam adereços cor-de-rosa (luvas, bandagem, protetor bucal, roupas), fazem as unhas, arrumam o cabelo (especialmente para as lutas) e algumas se maquiam, pois, como colocado por P2 acreditam ser 'um diferencial, não podemos nos igualar aos homens a esse ponto de não querer

se arrumar e lutar igual a um menino". Esse esforço em ressaltar "traços femininos" ou a "feminilidade", também se relaciona com o que aponta a colocação de Adelman (2003, p.448) de que:

Mulheres atletas profissionais são quase obrigadas a adotar uma postura apologética, tomando o cuidado necessário de mostrar para o público que sua prática no esporte *não compromete* sua feminilidade.

Há ainda outras duas questões relevantes a serem observadas. Uma delas, já apontada em um estudo realizado por Ferretti (2011), é o fato de que a indústria cultural atentou-se à participação das mulheres nas lutas, e vem criando e oferecendo material esportivo voltado para elas, o que é impulsionado pelo consumo e auxilia na caracterização do público feminina dentro desse universo que tem a maior parte ocupada pelo público masculino.

Outra questão, também já pesquisada por Thomazini, Moraes e Almeida (2008, p.289)³³ é de que "a presença feminina parece embaralhar essa representação de que as modalidades de combate são enraizadas culturalmente em características masculinas, e espaço instituído para homens", o que possivelmente desloca as crenças de que o universo das lutas seria um espaço somente masculino, especialmente quando além de participar, as atletas introduzem novos elementos a esse espaço, como esses que representam feminilidade.

Em um espaço primariamente de domínio masculino, como o universo das lutas, as atletas são observadas a partir da interpretação dos homens, e na maioria das vezes avaliadas por possuir, e principalmente por não possuir, algumas características dos atletas homens (THOMAZINI; MORAES e ALMEIDA 2008). Conforme essas características vão sendo adquiridas pelas atletas, e especialmente, os valores agregados a elas, esse espaço repleto de bens simbólicos, que são organizados a partir da interpretação masculina, começam a se tornar insustentáveis (BOURDIEU, 2007). Essas "mulheres forçadas", como as atletas de lutas, minimizam as diferenças entre os sexos masculino e feminino - e o rebaixamento existente em relação a elas - de maneira que não se vinculam a atitudes masculinas, mas trazem suas

³³ Em seu estudo, bem como nessa pesquisa, uma das entrevistadas, lutadora de boxe, colocou que em suas lutas, utiliza luvas rosas, maquia-se e faz penteado para representar sua feminilidade sobre o ringue.

referências e postura femininas, e as colocam nesse universo que outrora foi considerado inapropriado para mulheres (GOELLNER, 2003).

3.2.8 Significado do esporte

Pensando nas divisões apresentadas na introdução dos diferentes tipos de esporte, para as atletas amadoras, a prática dos esportes de combate se aproxima do esporte de participação no que diz respeito à participação voluntária e suas finalidades, mas também pode aproximar-se do esporte de rendimento uma vez que quase todas visam o profissionalismo no esporte e buscam obter resultados expressivos e remuneração. Para as atletas profissionais, sua prática se aproxima do esporte de alto rendimento, e embora não possuam contrato formal de trabalho, sua principal intenção é chegar a prática profissional remunerada e como sua única atividade.

Além das divisões pertinentes aos esportes, o fator emocional tem grande influência nas escolhas e no significado do esporte que se escolhe. As emoções que estão relacionadas ao momento de uma escolha aparecem tanto no consumo, quanto na escolha, de por exemplo, uma prática esportiva (SAUERBRONN e BARROS, 2005). Ao praticar determinado esporte as atletas constroem e mantêm os significados que atribuem a essas práticas, dando a ela diferentes níveis e tipos de significações. A continuidade da prática em determinado esporte também se deve ao valor do significado individual atribuído a ele.

As atletas colocaram que o significado e representação do esporte são uma "filosofia de vida", "mudou completamente minha vida" ou ainda, "tudo, é o que eu estou me dedicando 100%", de maneira que para todas se apresenta como elemento constante e essencial de suas vidas. Elas falaram ainda sobre os valores apreendidos nos esportes de combate, como disciplina, hierarquia, respeito ao próximo, responsabilidade, humildade, os quais as atletas transpuseram para a sua vida cotidiana.

As atletas também expuseram sobre a desistência, disseram que por vezes já cogitaram essa possibilidade especialmente pelas dificuldades

financeiras e lesões, porém nunca chegaram a desistir por que identificaram esses momentos como passageiros e que não foram mais importantes do que o significado do esporte a vontade de prosseguir nas lutas.

4. OS(AS) TREINADORES(AS)

[...] o treinador é a peça central [...] mas mais do que isso, ele é o *técnico*, é o indivíduo especializado, o estrategista, o conhecedor da técnica. Dessa maneira passa a exercer papel de líder, chefe, figura parental dentro do círculo esportivo (FETTER E SILVA, 2011, P. 51).

Dessa maneira, não só a voz das atletas era imprescindível para esta pesquisa, mas também se fez fundamental a voz dos treinadores, que são quem as constrói atletas e convive dia após dia com essas mulheres.

Os treinadores entrevistados têm 26 e 29 anos, ambos atuam profissionalmente como treinadores, e um deles também é empresário. Os treinadores aqui retratados, além de experientes nas modalidades de combate, também são técnicos, instrutores, e figura fundamental dentro das academias pesquisadas. Nesse espaço, eles têm uma representatividade enorme para seus alunos, chamados de mestre, construtores das atletas, e, como apontado já averiguado por Ceccheto (2004), os treinadores são os construtores do perfil da lutadora.

Além de professores, eles também treinam algumas modalidades de combate e um deles compete. T1 treina boxe, jiu jitsu, MMA e muay thai (no qual é faixa preta, a mais alta graduação) há praticamente 13 anos, já competiu em todos esses esportes, mas atualmente só compete no muay thai³⁴. Já T2

³⁴ Em seu histórico de lutas, T1 já foi vice-campeão mundial de boxe, além de disputar outros quatro grandes títulos na modalidade, na África do Sul, Argentina, Alemanha e na França. No muay thai foi campeão brasileiro, campeão paranaense, campeão interestadual, tetra campeão do Torneio Estímulo, campeão da Copa Veiga, campeão do Gladiators, entre outros. No MMA, foi campeão do Thai Boxe KO n. 6, campeão da Universidade da Luta, Campeão do Torneio Estímulo, vice-campeão no Power Fight. No Jiu Jitsu já conquistou o terceiro lugar no Campeonato Paranaense. No *submission*, foi campeão da Copa Quiosque Natureza, campeão

treina muay thai (faixa preta) há quinze anos e jiu jitsu (faixa roxa, avançado) há seis anos, já competiu em ambas, mas atualmente não compete³⁵. Especialmente por sua experiência, os treinadores além de professores, também se tornam um dos principais fatores motivadores para as atletas, como coloca A1:

[...] mas eu admiro mais o meu treinador, por que eu quero chegar ao nível, se eu chegar ao nível dele, do [nome do treinador], eu acho que eu consigo... ao nível técnico, sim, por mais que a gente admire os profissionais assim, eu sou fã da Cris Cyborg, né? Do Wanderley Silva, só que não treinamos diretamente com eles, então me foco muito no [nome do treinador], se eu conseguir dar uma surra em alguém do jeito que ele faz, daí eu vou me sentir bem.

O papel do treinador nesse contexto passa a ser elemento determinante na construção do perfil das lutadoras, pois além de aquele que ensina, o professor se torna exemplo, e tem características e qualidades os quais as atletas almejam conquistar.

Ambos os treinadores afirmam que desde o início de sua prática já havia mulheres treinando em Curitiba/PR, mas em pequena quantidade. Eles comentam ainda que apenas na última década as mulheres entraram para as competições de maneira massiva, e essa entrada, de acordo com T2, foi impulsionada especialmente devido à atleta Cris Cyborg iniciar sua participação em competições³⁶.

Os treinadores atuam profissionalmente com mulheres há quase uma década, mas ambos iniciaram os treinamentos com elas voltados para competição há apenas cinco anos. T1 escolheu direcionar sua atuação ao sexo feminino devido à baixa quantidade de mulheres lutando junto ao interesse das alunas em participar de competições, já T2 diz que foi um processo natural ao observar a evolução técnica das suas alunas que hoje são atletas.

T1 abriu uma academia recentemente no interior do Paraná, e tem cerca de oitenta alunos dos quais 60% são mulheres, e grande parte delas treina em

do Desafio Thai Boxe *Submission*, vice-campeão da Copa Império, e mais alguns eventos que não especificou.

³⁵ T2 tem 05 lutas de muay thai amador e competiu em três campeonatos de jiu-jitsu. Diferentemente de T1, ele preferiu voltar-se à atuação profissional nas lutas apenas como treinador.

³⁶ Ele comentou ainda que foi dele a primeira turma exclusivamente feminina de Curitiba/PR na modalidade muay thai.

horários mistos³⁷, pois, segundo ele, não se importam em treinar com os homens. Ele comenta ainda que por serem maioria, as alunas mulheres são responsáveis pela maior parte de sua fonte de renda. T2 tem atualmente cerca de 70 alunos, dos quais 35% são mulheres, seis delas competem profissionalmente no Muay Thai e MMA. T1 comentou ainda que em Curitiba/PR são seis atletas amadoras, uma atleta profissional no MMA, e no interior, conta com cinco atletas amadoras que competem no Muay Thai.

Quando questionados sobre sua opinião quanto às mulheres praticarem modalidades de combate, os treinadores responderam:

Olhe, como praticante eu acho importantíssimo, acho que uma defesa pessoal é essencial pra uma mulher, acho que a mulher é determinada quando está fazendo alguma coisa, ela é empenhada, disciplinada, muitas vezes mais do que o homem [...] são um exemplo, elas treinam com dor, não faltam, estão todos os dias aí, treinam com os moleques, é difícil treinar com homem, de vez em quando o cara não tem a noção de segurar a força, o único diferencial é a força entre homem e mulher, o resto elas se equiparam tranquilamente (T2).

Eu acho que é um esporte como qualquer outro, se a mulher pode jogar futebol como homem pode, então ela também pode lutar. Para mim não diferencia se é homem ou mulher, diferencia se ela está bem treinada. Às vezes uma menina bem treinada pode ganhar de um homem que não está bem treinado, então o que vale é o treino, se uma menina treina bem e é esforçada, se colocar ela em um ringue com um homem que não treina tão bem ela vai ganhar (T1).

Ambos afirmam que é um esporte para mulheres, e ressaltam que a qualidade técnica do atleta é mais importante do que seu sexo.

Se outrora as mulheres foram interdidas nesse tipo de prática, atualmente, os treinadores ressaltam que:

[...] é um lance meio que de tradição, é um esporte de homem, luta em si é um esporte de homem, **então não é um esporte feminino, mas acabou se tornando**, do lado ocidental acabou se tornando, do lado oriental acho que tem mais isso desde criança, como tradição [a prática das lutas por ambos os sexos] [...] e acho que no Brasil falta um pouco disso desde pequeno, acho que se tivesse plantado na escola, alguma coisa assim, poderia já estar se tornando uma arte marcial tanto para homem quanto para mulher, e não uma luta que é para homem, que se tornou com o tempo pra mulher (grifo nosso, T2).

³⁷ Normalmente as academias de esportes de combate oferecem horário exclusivamente feminino e também o horário misto.

[...] hoje em dia você olhas às vezes em um evento se não tiver uma luta feminina, o pessoal já acha que é um evento diferente dos outros, por que a maioria está colocando luta feminina, a maioria dos eventos tem luta feminina, **então já é normal**, antigamente se tivesse uma luta feminina, fariam “nossa vai ter uma luta feminina”, era coisa de outro mundo, **hoje em dia se você não colocar luta feminina já vai ficar estranho, e sempre tem luta feminina, é uma coisa comum, tanto pra quem vem assistir quanto pra quem participa, sempre tem mulheres** (T1, grifo nosso).

Ambas as colocações evidenciam o movimento de mudança existente no universo das lutas, mostram que é um esporte que vem sendo aceito como prática para os dois sexos, e que a presença feminina está sendo naturalizada, e portanto, assentida, "é uma coisa comum". É interessante observar que este tipo de modificação, infere diretamente no que compõe o capital e o *habitus* no principal elemento deste universo: um ambiente que por muito tempo teve a participação exclusiva do sexo masculino, e ainda é fortemente associado a questões referentes a esse sexo.

Os treinadores comentam ainda que a maior parte das mulheres aderiu à modalidade com pretensões principalmente estéticas, sem a pretensão de se tornarem atletas, e que essa modificação ocorre ao longo da prática, em um processo de transformação quando as mulheres identificam sua afinidade e habilidade com essa prática, além do incentivo do treinador ao constatar o desempenho e talento de algumas alunas.

4.1 MERCADO

De acordo Bourdieu (1990), para que um esporte possa ser entendido faz-se necessário reconhecer a localização dele no espaço dos esportes. O autor aponta também que o espetáculo se reproduz em duas partes, no instante em que ocorre devido ao grupo envolvido (no caso, atletas, juízes, técnicos, entre outros), e também na reprodução do espetáculo (BOURDIEU, 1997). A partir desses apontamentos, pode-se observar que as lutas dentro do campo esportivo têm sido fortemente influenciadas pela espetacularização dos

esportes de combate, e a crescente mercantilização tem se relacionado diretamente com essa espetacularização.

Atualmente, o UFC, maior referência de evento de lutas do mundo, conta com parcerias e patrocínios de grandes marcas mundiais, que não só engrandecem o evento, mas também contribuem para os consumidores das marcas e do evento que passam a associar um ao outro, contribuindo para o aumento do consumo de ambos. Essa realidade pode ser confirmada também ao aproximá-la da conclusão em um estudo realizado por Miranda Filho e Santos (2014) que investigou o processo de popularização do MMA e concluíram que o apelo à espetacularização impulsiona a mercadorização esportiva do esporte.

Esses fatores da mercadorização ou marcantilização ajudam a constituir também a lógica do esporte moderno e da cultura esportiva. De acordo com Stigger (2001), o esporte resulta de um processo que torna racional as práticas da vida moderna, e que passou a vincular essas práticas à competitividade, espírito esportivo, regras, normas, busca de resultados que possam ser mensurados e comparados, figura do campeão, performance relacionada à produtividade, entre outros. Pensando a partir do que apresenta Stigger, a participação das mulheres mostra uma particularidade nos esportes de combate, e por ser singular, também abre um novo nicho de mercado. Os treinadores vivendo nesta lógica de mercado, e, especialmente de um novo mercado de inserção e participação das mulheres nas competições de lutas, acessam esse novo nicho e ampliam sua atuação profissional.

Quanto questionado sobre as diferenças nos eventos com lutas de homens e mulheres, T1 colocou que, como produtor de eventos, a principal diferença é a preocupação com a segurança para que as atletas mulheres não se machuquem. Ele comenta ainda que as premiações para as mulheres têm sido melhores do que para os homens em virtude de ter poucos eventos femininos, o que faz com que os patrocinadores consigam oferecer mais prêmios, além da diferenciação no material (principalmente pelas cores cor de rosa nos materiais voltados para as mulheres) que atrai os patrocinadores, pois além de chamar a atenção por serem prêmios de certa maneira personalizados, acabam por destacar também as marcas impressas nestes prêmios. No quesito público, valor dos ingressos e divulgação, o treinador diz

não existir diferenças entre eventos para o sexo masculino ou feminino. T2 ressaltou ainda que a principal diferença nos eventos, tanto nos grandes quanto os eventos menores, é o valor da bolsa que varia de acordo com a popularidade e número de vitórias do atleta, independente de ser homem ou mulher.

Quanto ao patrocínio, T1 conta que embora as atletas necessitem de suplementação, material, alimentação, transporte, gastos com competições e viagens, nenhuma de suas atletas tem patrocínio, e pagam individualmente suas despesas. Ele afirma ainda que a dificuldade em conseguir um patrocínio para as mulheres se deve ao fato de que os atletas homens têm maior visibilidade por existir maior número de competições para eles, se comparada ao número de competições para as mulheres, e, portanto, se torna mais interessante para o patrocinador ter sua marca divulgada pelos homens do que por elas. Devido a esta falta de patrocinador, ele comenta ainda que suas atletas tem jornada dupla, trabalham e treinam, e que para sobreviver financeiramente somente das lutas no Brasil é difícil para ambos os sexos, além de que muitos, como ele mesmo, lutam, mas também se tornam professores para poderem se sustentar.

T2 comenta que as atletas não recebem nenhum patrocínio em dinheiro, mas contam com muitos parceiros, como clínica especializada em atendimento para atletas com todo o suporte médico necessário, loja de suplementos, restaurante que oferece almoço gratuito, protetores bucais, e também uma escola de inglês que ofereceu curso gratuito para dois professores e três atletas. Esses parceiros em parte se oferecem para contribuir e ter sua marca divulgada, e em parte é o próprio professor quem entra em contato pedindo apoio. Ele ressaltou ainda que embora não seja em dinheiro, as parcerias oferecem o suficiente para suprir as necessidades de suas atletas.

Desta maneira, pensando na mercantilização do esporte, há um mercado esportivo de mulheres nos esportes de combate que vem crescendo e se desenvolvendo aos poucos.

4.2 O EVENTO

Um dos treinadores é fundador de um dos principais eventos de lutas somente de mulheres do país, ele conta que sua principal motivação para realizar a primeira edição do evento foi ao observar o grande interesse das alunas em participar de competições e por observar também que muitas delas tinham vergonha de lutar em eventos que tivessem lutas de atletas do sexo masculino. A primeira edição do evento contou com 23 lutas de atletas de cerca de oito cidades diferentes, o que continuou nas edições seguintes, de maneira que o evento teve sempre pelo menos 15 lutas, e sempre recebeu atletas de várias cidades. O evento já passou por sete edições em duas cidades, e apresenta lutas de atletas mulheres amadoras e profissionais.

No início, o evento apresentou lutas de MMA, *Submission*, Boxe e Muay Thai, já nas edições seguintes a maior parte das lutas foi de Muay Thai por ser a modalidade mais procurada pelas atletas inscritas.

O número de espectadores fica entre quinhentas e seiscentas pessoas, cerca de 50% mulheres e 50% homens, que pagam por volta de 15 reais por ingresso.

Quanto às premiações, o empresário comenta que para as lutas amadoras não há prêmio em dinheiro, mas as atletas recebem medalha, troféu, kit de brindes com luva, calção e camiseta. Já as atletas profissionais recebem premiação em dinheiro que é negociada pelo empresário ou professor das atletas com o evento, as bolsas variam de acordo com a atleta, já ocorreram premiações entre trezentos e três mil reais, as quais foram pagas somente pelos patrocinadores ou parte por eles e parte pela bilheteria.

Questionado sobre a influência do evento na participação das mulheres nos esportes de combate, ele afirma que normalmente é um dos primeiros eventos do país dos quais as atletas querem participar, especialmente por ser só com lutas de atletas mulheres, causando impacto positivo sobre as praticantes.

Sobre a repercussão do evento, ele conta que deu muitas entrevistas, ganhou reconhecimento como organizador e empresário, e também contribuiu para divulgar seu nome como lutador.

4.3 PRECONCEITO

O preconceito no universo dos esportes de combate aparece essencialmente por causa das diferenças entre os gêneros, Bourdieu (2007) coloca que a estrutura biológica é o que difere um sexo do outro, e que essas diferenças biológicas, somadas as diferenças anatômicas entre os sexos feminino e masculino podem ser a justificativa das construções sociais acerca das diferenças entre gêneros. De acordo com o autor, essa diferenciação ocorre sempre partindo do gênero oposto, aquilo que se é e aquilo que não se é, por exemplo, se é feminino, não é masculino, e vice-versa, e isso acaba associando as práticas esportivas sempre a um sexo ou ao outro. Ele afirma ainda que devido aos valores sociais construídos acerca dos sexos, há uma busca de sempre masculinizar o corpo masculino e feminilizar o corpo feminino, o que faz com que as mulheres tenham algumas práticas negadas e os homens tenham quase que obrigatoriamente mostrar virilidade em todo tempo e participar de atividades que manifestem sua masculinidade, como as lutas. Dessa maneira, ainda segundo o autor, o preconceito e a discriminação existentes resultam das ideologias sociais acerca dos padrões de comportamentos para cada gênero, que acabam por distinguir atividades como masculinas ou femininas, quando na verdade podemos observar que as todas as atividades podem e devem ser masculinas e femininas.

Silva (1994) averiguou que no judô as mulheres são alvo de preconceito, estereótipos e discriminações desde a origem do esporte e que isso ocorre devido principalmente à resistência dos homens em aceitá-las como praticantes e mais ainda, como competidoras. Ferretti (2011) ao realizar um estudo com lutadoras, concluiu que existe o preconceito quanto à participação feminina nos esportes de combate, e atrelado a ele a desvalorização do esporte feminino, o que se deve ao fato de que algumas modalidades ainda

carregam o predomínio do gênero masculino, e acabam por oportunizar o preconceito. Embora o preconceito ainda seja uma barreira a ser rompida, já é possível observar pequenas mudanças dentro das lutas, Ferraz e Almeida (2012) ao estudar a mulher no *kung fu* concluíram que há numerosa participação de alunas mulheres na modalidade, além de professoras ministrando aulas e que a participação delas nesse esporte demonstra que as mulheres não são passivas à dominação total masculina, além de que mulheres inovadoras assim são quem movimentam a história, provocando transformações sociais e culturais.

Questionado sobre o preconceito, T1 comenta:

Não, não sei se chega a ser um preconceito, mas eu sei que a rapaziada, os atletas, eles não batem como se tivesse treinando com um homem [...]. Eles não pegam pesado, porque se você bater na mulher no treino, fica feio pra você, você é covarde, agora se você apanhar dela é pior ainda [...].

Neste caso, embora não se caracterize violência simbólica como relatado anteriormente pelas atletas, é possível observar que o pré-conceito existente de que uma mulher não aguentaria treinar no ritmo dos homens ainda é existente, e ainda de que "perder" para um mulher ou ter "menor" rendimento do que ela, seria motivo de vergonha, supondo que isso não pudesse ser um acontecimento comum.

Quanto à expectativa da sociedade acerca do homem e da mulher, os treinadores comentam que o público tende a torcer para quem está em evidência, ganhando as competições, aparecendo na mídia, e que o sexo pouco interfere na torcida e expectativa. O mesmo, T1 afirma sobre o rendimento:

Não existe diferença, eu mesmo já ouvi falar "eu não gosto de assistir luta feminina", só que o que acontece, não é que é a luta feminina, é como eu te falei, é o atleta bem preparado e o não preparado, eu já vi muita luta feminina que foi muito melhor do que luta masculina, então se são dois atletas que não estão bem preparados, que não tem muita técnica, vai sair uma luta feia, não interessa se é homem ou é mulher [...].

Ele afirma ainda que as atletas não competem para serem vistas por sua beleza, mas sim, pelo seu desempenho na luta. Thomazini, Moraes e Almeida

(2008) também identificaram a questão da diferença dos sexos nas modalidades de combate, ao entrevistarem um treinador, também de mulheres, especializado em MMA, o qual afirmou que o esporte é para todos, sem distinguir sexos. Os autores verificaram em seu estudo que existe igualdade de gêneros na prática, bem como no discurso apresentado por seus entrevistados, que pode ser visto na intensidade alta dos treinos de *sparring* que era independente do sexo e que isto "minimiza as diferenças socialmente construídas entre os sexos, estremecendo, assim, o mito da fragilidade feminina", e dando oportunidade a novas representações da feminilidade (2008, p. 287).

4.5 EMANCIPAÇÃO

Como já mencionado, a trajetória de emancipação das mulheres nos esportes e na sociedade é assinalada por inúmeros conflitos e rupturas. Embora no universo das lutas o sexo masculino normalmente seja o predominante, as mulheres tem galgado pouco a pouco um espaço demarcado dentro desse meio. Aos poucos elas têm ganhado admiradores, conquistado resultados e prestígio dentro dos esportes de combate, e apesar de muitas diferenciações sociais ainda provocarem o retardo em sua emancipação, os impasses e dificuldades não são motivo para que as mulheres desistam desse longo percurso.

Quando questionados sobre a participação das mulheres nas modalidades de combate, ambos os treinadores responderam que a presença delas provocam mudanças tanto nesse meio, quanto no restante da sociedade. Eles afirmam que nas modalidades de combate, as atletas adquirem algumas características como determinação, disciplina e foco, que acabam sendo utilizados também nas conquistas de objetivos fora do universo das lutas. T2 ressalta ainda que as conquistas das atletas nas modalidades de combate podem servir de porta de entrada para outros esportes considerados masculinos.

Em sua metodologia de treinamento, T1 procura dividir apenas os alunos que querem competir dos que não querem, independente do sexo, mantendo o ritmo e intensidade dos exercícios para ambos, e diz que sempre está atento para não deixar as meninas se machucarem. Ele ressalta ainda que considera importante que suas atletas treinem com os homens, por que essa experiência de treinar com diferentes pesos, tamanhos e força facilita quando nas competições elas encontram alguém do seu nível. T2 comenta que diferencia o treinamento para as meninas apenas na parte psicológica, onde procura ser mais gentil do que com os meninos. Quanto ao treinamento, ele diz que suas atletas devem estar sempre pelo menos 70% preparadas, pois nunca se sabe quando vai surgir uma oportunidade de lutar, e considera, assim como T1, importante mesclar o treinamento com homens e mulheres, pois percebe que com os meninos elas desenvolvem melhor sua força, explosão e velocidade.

O tratamento apresentado pelos treinadores em relação às suas atletas oportuniza a vivência igualitária do sexo feminino e masculino dentro do universo das modalidades de combate, mostrando aos homens que as mulheres estão presentes e também tem seu espaço, e mostrando a elas que podem participar e se afirmar nesse meio, o que pode contribuir de maneira positiva para a emancipação delas nos esportes de combate.

4.6 RECOMPENSA FINANCEIRA

A literatura apresenta alguns estudos sobre recompensa financeira para atletas de diversas modalidades, mas ainda não há estudos sobre as quantias recebidas por treinadores de esportes de combate de atletas mulheres. Porém, de acordo com a lógica de mercado já mencionada, os treinadores que estão atuando com mulheres estão no momento de ganhar dinheiro, uma vez que atualmente têm se popularizado a prática entre as mulheres, tanto para as que querem lutar, quanto para as que praticam por motivos de estética, socialização, entre outros. De maneira empírica e acompanhando o acontecimento dos eventos de luta, sabe-se também que conforme o atleta se desenvolve na modalidade, maior é sua remuneração, resultando em maior

remuneração também para seus treinadores, mas ainda não é o caso do presente estudo, uma vez que as atletas estão em início de carreira.

No caso desse estudo, ambos disseram ter sua fonte de renda advinda da atuação profissional como treinadores de modalidades de combate, para ambos os sexos e para os alunos que se tornam atletas, bem como para aqueles que somente treinam como atividade física. A divulgação de seu trabalho a partir de suas atletas acaba por impulsionar o aumento do número de alunos em suas academias, embora esse não seja o principal fator para que os alunos comecem a treinar com eles. Eles disseram ainda que recebem a mesma quantia para treinar mulheres e homens, e no caso das atletas, muitas vezes os treinadores oferecem descontos em suas mensalidades para ajudá-las, o que diminui sua recompensa financeira atrelada ao treinamento com mulheres. Os treinadores comentaram ainda que quando suas atletas recebem premiações em dinheiro, eles não recebem nenhuma porcentagem sobre essa remuneração, mantendo assim, sua principal fonte de renda na atuação profissional como treinadores de lutas, independente de suas atletas.

Os treinadores comentaram também que a maioria de suas atletas treina e trabalha, disseram que as incentivam nos estudos, e que a jornada dupla é muito cansativa para elas, o que seria resolvido caso pudessem viver apenas das lutas recebendo dinheiro dos patrocinadores e bolsas, realidade que é difícil para ambos os sexos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os esportes de combate muitas vezes são interpretados a partir do gênero masculino, oposto ao que propôs essa pesquisa, a qual nos permitiu compreender esses esportes através da realidade das atletas mulheres que participam deles. Não deixando escapar também os depoimentos dos treinadores de atletas mulheres, uma vez que ainda é escassa a participação feminina no papel de treinadoras. Apesar do pequeno recorte utilizado para os entrevistados dessa pesquisa, o material colhido permitiu generalizações sobre o tema. Antes de apontar as conclusões, vale ressaltar que essa pesquisa não pretendeu sorver as questões que envolvem as mulheres atletas de lutas, nem a visão dos treinadores de atletas mulheres, mas expõe os pontos relevantes encontrados na pesquisa, que permitem também a abertura de novos caminhos para outras buscas.

Como primeira hipótese lançada nessa pesquisa, colocamos que as atletas amadoras das modalidades de combate pretendem essencialmente chegar ao profissionalismo, o que se confirmou no decorrer do estudo através das falas de A1 e A2 ao responderem positivamente quando questionadas sobre a intenção de profissionalizar-se no esporte, além de darem outros indícios sobre questões que envolvem o mundo do esporte profissional, como bem colocou A2 ao falar sobre reconhecimento, fama, aparições na televisão e remuneração financeira por essa profissão. A entrevistada A3, colocou que foi prioridade em sua vida viver das lutas e se tornar profissional no esporte, porém devido às dificuldades financeiras prefere primeiramente conquistar outros objetivos, como ter seu próprio carro e casa, para então poder retornar às lutas e se tornar atleta profissional, e embora esse distanciamento da profissionalização esteja ocorrendo, a atleta não afirmou que tenha desistido de ser lutadora profissional, apenas colocou que esta não é sua prioridade atual.

A segunda hipótese colocada é de que as atletas profissionais não conseguem sobreviver apenas do esporte. Essa hipótese confirmou-se tanto a partir das falas das atletas, quanto dos treinadores. As entrevistadas contaram que têm trabalhos paralelos à prática das lutas para que possam sobreviver financeiramente, e que seus salários inclusive contribuem para a manutenção e

permanência no esporte, uma vez que com sua remuneração salarial muitas vezes paga seus equipamentos, alimentação, deslocamento, entre outros custos decorrentes da vida de atleta. Ainda sobre a parte financeira, as entrevistadas comentaram que acreditam que todo gasto financeiro será repostado com os prêmios, bolsa e patrocínio que receberão ao longo de sua trajetória no esporte.

E a terceira e última hipótese colocada era de que os(as) treinadores(as) passaram a dedicar parte de sua atuação ao treinamento de mulheres em parte pela lógica da mercantilização, pois notaram um novo nicho no esporte que pode ser explorado, a qual foi confirmada parcialmente. Os treinadores afirmaram que o início de parte de sua atuação voltada exclusivamente para mulheres se deu de forma espontânea ao longo de suas carreiras e também pelo interesse das próprias alunas em participar de competições. E, embora eles acessem esse novo nicho de mercado, não foi nessa lógica exploratória que se envolveram profissionalmente com suas atletas. Os treinadores colocaram ainda que não têm participação nos prêmios em dinheiro recebidos pelas atletas, e que embora possam ter seu nome e o nome de sua academia divulgados por elas, o que pode contribuir para o aumento do número de alunos, sua fonte de renda se dá em sua atuação tanto com mulheres quanto com homens. Eles disseram ainda que em alguns casos acabam por ajudar tanto as atletas mulheres quanto os atletas homens com, por exemplo, descontos em suas mensalidades para que elas possam diminuir seus gastos até que tenham retorno financeiro razoável com o esporte. Desta maneira, pudemos perceber que embora a intenção primária dos treinadores em atuar com mulheres não tenha sido pensada a partir da perspectiva mercadológica, eles vêm explorando esse mercado em potencial ao longo de sua carreira profissional que tem se mostrado uma nova área de mercado para quem trabalha com atletas de esportes de combate.

Como resposta à nossa questão norteadora, constatamos que cada elemento social, e no caso dessa pesquisa, o elemento social esporte, e mais especificamente os esportes de combate, carrega seu capital cultural específico que é parte constituinte e formadora do *habitus*. Esse *habitus* é a forma expressa das experiências individuais e estruturas sociais impressas em nossas mentes e corpos, e todos esses elementos somados constituem cada

indivíduo, que encontrando uma forma mais ampla de sua dimensão, determinam a sociedade, suas características e os elementos de reprodução dentro da mesma. Isto é, ao questionarmos a compreensão das atletas e treinadores sobre a participação delas nas lutas, perpassamos as questões que compõe esse espaço e cada um desses indivíduos.

Partindo para a análise das entrevistas, como melhor explorado no Capítulo 3, pudemos observar que a participação das atletas no universo das lutas e nas competições traz novos elementos que compõem um "novo" *habitus* esportivo nesse meio. Esses novos elementos se expressam a partir da incorporação e reprodução do esporte a partir dessas atletas, a introdução de novas características nele, como a abertura para que elas possam treinar e competir, equipamentos que agradem às mulheres, organização dos treinos, adaptação dos treinadores antes acostumados a ministrar aulas para alunos do sexo masculino, a influência que exercem em outras mulheres para que também pratiquem algum esporte de combate, além de abrir espaço no que veicula a mídia e visibilidade entre os telespectadores. Ao se tornarem atletas, não somente elas se modificam, mas também provocam mudanças neste espaço social que tem as recebido e formado novas atletas, interiorizando o que está em seu exterior e exteriorizando aquilo que trazem em seu interior. Uma vez que o *habitus* é uma gama de fatores, ao mesmo tempo em que determina o modo de ser, as atividades e a conduta de um indivíduo, também é influenciado pelo meio social no qual o indivíduo está inserido, que da mesma forma faz com que o indivíduo, a partir de seu *habitus*, influa naquele meio. Sendo assim, observou-se que a incorporação do capital cultural das lutas por essas atletas tem caráter formador desse "novo" *habitus*.

Pudemos perceber também que a maioria das entrevistadas não iniciou nos esportes de combate com a pretensão de lutar, mas ao longo de sua prática acabou por se tornar atleta devido ao contato com o mundo das lutas, incentivo do treinador e seu desenvolvimento técnico. E diferentemente da maior parte das meninas que não são incentivadas durante sua formação a participar dos esportes de combate, as atletas optaram pela prática dos mesmos gerando experiências particulares, como o processo de formação de atleta e lutadora e a participação em competições nesse tipo de esporte(s),

experiências que podem ser singulares na vida de uma mulher, uma vez que não são todas que acessam essas práticas.

Embora não tenhamos pensado anteriormente na questão do ídolo esportivo, questão que também não foi explorada no texto, a maioria das atletas tem como inspiração uma atleta também mulher, a Cris Cyborg.

Quanto ao destaque na sociedade através do esporte e a recompensa financeira, vimos que as atletas buscam a profissionalização, fama, reconhecimento, ascensão profissional e financeira através das lutas. Apenas A3 preferiu continuar no esporte amador por que percebeu a demora e dificuldade para ascender no mundo das lutas. Concluimos também que há facilidade de acesso para as mulheres nos esportes de combate e que as atletas são bem recebidas nas academias. E quanto ao patrocínio, observamos que as amadoras recebem prêmios simbólicos na maior parte das vezes ou apenas apoio, e que as profissionais recebem também apoio e passam a ganhar dinheiro nas competições.

No quesito família, vimos que a maioria das atletas teve apoio dos pais, faz jornada dupla com trabalho/treino e/ou estudo, e ainda necessitam tomar decisões dentro e fora dos treinos, como, abdicar de atividades sociais, passar tempo com a família, entre outros, para que possam se dedicar a vida de atleta.

Sobre a estética, as atletas colocaram que o esporte mudou totalmente o seus corpos, sendo que a maioria gosta dessas modificações e não se considera masculina por causa delas.

Quando questionadas sobre emancipação, as atletas disseram que a participação de atletas do sexo feminino nos esportes de combate acaba por representar todas as mulheres do mundo e modifica a visão sobre as mulheres na sociedade como um todo. Com isto, pode-se afirmar que a participação das mulheres no universo das lutas têm provocado mudanças em como são vistas não somente neste âmbito, mas na sociedade como um todo, o que ainda não anula a hegemonia masculina neste universo.

Sobre o preconceito constatamos que ele ocorre de maneira verbal por quem não é do meio esportivo das lutas e não ocorre com os colegas de treino. Também observamos que as expectativas sobre as lutas de homens e mulheres tem se nivelado, pois elas têm apresentado alto nível técnico nos ringues.

Quanto à desigualdade de gênero concluímos que existe um movimento de modificação dentro dos esportes no que se refere a participação delas, porém nas competições existem algumas limitações, pois ainda são super valorizadas as qualidades consideradas masculinas, como força, poder, entre outras, e sub valorizadas as qualidades consideradas femininas, tais como fragilidade, delicadeza, entre outros. De maneira que quem apresentar características que difiram de sua 'natureza' é considerado como fora do 'padrão' e por isso pode sofrer consequências, já que essa distinção acentuada dos gêneros contribui para a manutenção do gênero ainda dominante, o masculino.

Sobre essa distinção de gêneros, quatro das entrevistadas, tanto amadoras, quanto profissionais, disseram que se fossem homens teriam mais lutas para competir, maiores oportunidades de ascensão profissional e maior visibilidade, e embora algumas admitam essa distinção entre os sexos, todas afirmaram não considerar a modalidade masculina.

Elas fazem questão de ressaltar traços femininos investindo em artigos cor de rosa, maquiagem, cabelo arrumado, entre outros, nos treinos e competições. Essa feminilidade exposta pela presença feminina de certa maneira embaralha a representação das modalidades que tem raízes culturais em características masculinas e que foram organizadas para a prática de homens, como os esportes de combate, o que provoca modificação nas crenças existentes no universo das lutas, quando além de inserir-se, as mulheres introduzem novos elementos a esse espaço, tais quais os que representam feminilidade.

Para as atletas, o esporte significa uma filosofia de vida, algo que modificou sua vida e no qual elas aplicam totalmente sua dedicação. Além de terem adquirido valores por meio da prática, tais como disciplina, hierarquia, respeito ao próximo, responsabilidade, humildade, os quais as atletas afirmaram que transpuseram do esporte para a sua vida cotidiana.

Quanto aos treinadores, ficou evidente a importância de seu papel não somente como instrutor, mas como exemplo e incentivador na trajetória dessas atletas. Ambos alegaram a importância da participação feminina nas lutas, e afirmaram que embora não seja um esporte feminino, acabou se tornando um esporte que também é para mulheres.

As colocações dos treinadores evidenciaram ainda o movimento de mudança existente no universo das lutas, mostrando que é um esporte que vem sendo aceito como prática para os dois sexos, e que a presença feminina está sendo naturalizada nesse espaço. Eles disseram também que a maior parte de suas alunas adere com pretensões estéticas, e modifica suas pretensões ao longo da prática, chegando às competições.

Quanto à questão mercadológica, os treinadores afirmaram que os eventos femininos são melhores por serem poucos se comparado ao número de eventos masculinos, e ainda por ter investimento dos patrocinadores nos eventos, essa colocação também é indicativo da parcialidade na confirmação da hipótese 03, já que afirma o processo de mercantilização das práticas dessas atletas.

Sobre o preconceito eles disseram ser inexistente. A falta de preconceito afirmada por eles pode sugerir que o motivo pelo qual ainda se tem menor quantidade de lutadoras se comparado aos homens está mais relacionado ao histórico do esporte, incentivo familiar, divisão proposta pela sociedade quanto às práticas femininas e masculinas, do que por algum tipo de receio dos praticantes e/ou treinadores quanto à participação delas. Quanto à expectativa da sociedade acerca do homem e da mulher, os treinadores comentaram que o público tende a torcer para quem está em evidência, ganhando as competições, aparecendo na mídia, e que o sexo pouco interfere na torcida e expectativa, e dizem ainda que as atletas não competem para serem vistas por sua beleza, mas sim, pelo seu desempenho sobre o ringue.

Pudemos observar ainda que ambos os treinadores acreditam que a participação das mulheres nas modalidades de combate provoca mudanças tanto nesse meio, quanto no restante da sociedade contribuindo para sua emancipação de maneira geral. Eles afirmam que nas modalidades de combate, as atletas adquirem algumas características como determinação, disciplina e foco, que acabam sendo utilizadas também nas conquistas de objetivos fora do universo das lutas.

Sobre sua recompensa financeira, ambos têm sua fonte de renda advinda da atuação profissional como treinadores de modalidades de combate, independente do sexo dos alunos, e recebem a mesma quantia para treinar mulheres ou homens para competição.

Desta maneira, podemos afirmar que as atletas almejam a profissionalização, reconhecimento, e a ascensão profissional e financeira através das lutas, e da mesma maneira que outras atletas já bem posicionadas nesse meio, elas também consigam apenas lutar, sem precisar ter trabalhos paralelos para sobreviver. Vimos também que essas mulheres tem em seus treinadores grande referência para o processo de construção de um atleta pelo qual elas estão passando, e que ao construírem-se elas absorvem os traços desses esportes, bem como inserem novas características nele. Essa participação provoca uma representação do sexo feminino que acaba sendo transferida a outros ramos da sociedade, ampliando a visão sobre a emancipação e novos posicionamentos das mulheres, embora elas ainda enfrentem limitações especialmente nas competições.

A feminilidade colocada pela presença das mulheres no meio dos esportes de combate entrevera a representação desses esportes fundamentados culturalmente em características masculinas e que foram esquematizados primariamente para a prática de homens. Isto acaba por deslocar as convicções pré-existentes no universo das lutas, uma vez que as atletas incorporam novos componentes a esse espaço, delineando assim novos aspectos a partir dos traços que representam o sexo feminino e a feminilidade.

Concluído o percurso dessa dissertação, e em resposta a nossa questão norteadora, talvez seja excessivo afirmar que as mulheres atletas compreendem seu espaço como algo consolidado dentro do campo dos esportes de combate, o qual ainda é dominado pelo sexo masculino. Porém, pudemos verificar que elas estão em busca desse lugar sólido e que sua trajetória para que possam participar e se consolidar nas lutas é custosa e ardilosa. Os entrevistados permitiram ainda que entendêssemos que as especificidades que dão apoio à legitimação de um *habitus* feminino nos esportes de combate se expressam a partir dos eventos elaborados para que as mulheres possam competir em algo exclusivo para elas, o apoio dos treinadores e colegas de treino, o investimento dos patrocinadores e apoiadores, a dedicação dessas atletas que traz o respeito e admiração de quem as está acompanhando, entre outros pontos já abordados ao longo do

trabalho, enaltecendo também, o desempenho e resultados que elas apresentam nas competições.

As apurações aqui mencionadas nos possibilitaram também avistar outras investigações, como por exemplo, com número maior de atletas que permitiria a análise de um maior banco de dados, ou ainda com atletas de vários locais aumentando as diferentes realidades que podem ser estudadas, também com treinadoras mulheres (se for possível montar um grupo), entre outras, as quais permitiriam aprofundar os matizes e consequências sociais e culturais da participação das mulheres nos esportes de combate.

REFERÊNCIAS

ADELMAN, M. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 11(2): 360, jul-dez/2003.

ALVES, E. E. **Motivos de adesão a prática de atividade física em uma academia de ginástica e musculação na cidade de Novo Hamburgo – RS.** 2010, 60 f. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura Plena em Educação Física) - Universidade Feevale, Novo Hamburgo, 2010. [Orientador: João Carlos Jaccottet Piccoli, Ph.D]

AMATO, R.C.F. Capital cultural, ethos e habitus: analisando as disposições sócio-culturais familiares no âmbito de uma instituição educativo-musical. In: JORNADA DO GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS HISTÓRIA, SOCIEDADE E EDUCAÇÃO NO BRASIL (HISTEDBR), 8., 2008, São Carlos. **Anais Sociedade, Estado e Educação: um balanço do século XX e perspectivas para o século XXI.** São Carlos/ Campinas: PPGE-UFSCar/ FE-UNICAMP, p. 01-24., 2008.

ANTUNEZ, M. Reflexiones acerca de lo que la mujer representa para El deporte y el verdadero significado del esporte para mujer. **Lecturas em educación física y deporte**, Buenos Aires, v. 7, n. 42, Nov. 2001.

ARAÚJO, F.M. de B.; ALVES, E.M.; CRUZ, M.P. Algumas reflexões em torno dos conceitos de campo e habitus na obra de Pierre Bourdieu. **Revista Perspectivas da Ciência e Tecnologia**, v.1, n.1, jan-jun 2009.

BACHELET, M. "**As mulheres aspiram ao ouro, mas a igualdade de gênero continua a ser um desafio**". Entidade das Nações Unidas para a Igualdade e de Gênero e Empoderamento das mulheres. Disponível em <http://www.unifem.org.br/003/00301009.asp?ttCD_CHAVE=170401> Acesso em 03 jan. 2012.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1979.

BICKEL, E.A.; MARQUES, M.G.; SANTOS, G.A. Esporte e sociedade: a construção de valores na prática esportiva em projetos sociais. **Lecturas em educación física y deporte**, Buenos Aires, ano 17, n. 171, ago. 2012.

BONAMINO, A.; ALVES, F.; FRANCO, C. Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e Coleman. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 45, set./dez. 2010.

BOURDIEU, P. **A Dominação masculina**; tradução Maria Helene Kühner, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2 ed., 160p, 2002.

_____, P. **A Dominação Masculina.** 5ª edição. Rio de Janeiro, 2007.

_____, P. **Como é possível ser esportivo?** Exposição introdutória ao Congresso Internacional do HISPA, realizado no INSEP (Paris), mar. 1978.

_____, P. **Escritos de Educação**. Maria Alice e Afrânio Catani (organizadores) – Petrópolis, RJ: Vozes, 2º ed. pp. 71-79, 1999.

_____, P. Escritos de Educação. In: NOGUEIRA, M.A.; CATANI, A. (organizadores). **Pierre Bourdieu: escritos de educação**. 9 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

_____, P. **Gostos de classe e estilos de vida. In Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____, P. Les trois états du capital culturel. **Actes de la recherche en sciences sociales**. L'institution scolaire, vol. 30, p. 3-6, Nov. 1979.

_____, P. **Los tres estados del capital cultural. Sociologica - UAM, Azcapotzalco, Mexico, n. 5, p11-17, 1979.**

_____, P. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M.A.; CATANI, A. (Org.). **Escritos de educação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____, P. **Sobre a Televisão – a influência do jornalismo e os Jogos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____, P. **Sociologia**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1994.

_____, P. Programa para uma sociologia do esporte. In: Coisas ditas. São Paulo: Brasiliense, 1990.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte : uma introdução**. 3 ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

BRASIL. **Decreto-Lei n.º3.199, de 14.04.1941**. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o Brasil. art.1º.

BONNEWITZ, P. **Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bourdieu**. Petrópolis: Vozes, 2005.

_____. Conselho Nacional de Desportos – **Deliberação nº 07 de 1965**. Brasília – DF, 1965.

_____. Deliberação CND 10/79 de 31 de dezembro de 1979. Baixa instruções às entidades do país, para a prática de desportos pelas mulheres. **Diário Oficial**. Brasília, p. 20220.

_____. **Lei. n. 9.615, de 24 de março de 1998**. Institui normas gerais sobre desporto e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br>. Acesso em: 30 mar. 2010.

BRITZMAN, D.P. O que é esta coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo. *In Educação e Realidade*. n. 1, vol. 21, p. 71 -76, 1996.

BUCETA, J.M. **Mulheres de Alto Rendimento**. Disponível em: <<http://www.psicologiadelcoaching.es/informacion/RHGlobal.pdf>>. Acesso em: 01 ago. 2012.

BURITI, Maria do Socorro Leite. Variáveis que influenciam o comportamento agressivo de adolescentes nos esportes. In BURITI, Marcelo de Almeida (Org.). **Psicologia do Esporte**. Campinas: Alínea, 2ª Edição, 2001.

CAPITANIO, A.M. **Mulher, gênero e esporte: a análise da auto-percepção das desigualdades**. 2005. Dissertação (Mestrado) - Escola de Educação Física e Esporte, USP, São Paulo, 2005.

CAPPELLE, M.C.A.; MELO, M.C.O.L.; GONÇALVES, C.A. Análise de conteúdo e análise de discurso nas ciências sociais. **Organizações Rurais & Agroindustriais – Revista de Administração da UFLA, Lavras, v.05, n.1. 2003.**

CECCHETO, F. R. **Violência e estilos de masculinidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

COAKLEY, Jay. **Sports in Society: issues and controversies**. 9th edition. New York: Mc Graw Hill, 2007.

COMITÊ OLÍMPICO BRASILEIRO. **COB comemora evolução técnica das mulheres no esporte brasileiro**. Disponível em: <<http://www.cob.org.br/noticias-cob/cob-comemora-evolucao-tnica-das-mulheres-no-esporte-brasileiro-024408>>. Acesso em 04 set. 2012.

_____. **COB destaca maior participação da mulher no esporte brasileiro**. Disponível em: ,<<http://www.cob.org.br/noticias-cob/cob-destaca-maior-participacao-da-mulher-no-esporte-brasileiro-024427>> Acesso em 05 set. 2012.

COPA2014.gov.br. **Fórum tratará da inclusão da mulher em megaeventos**. Disponível em: <<http://www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia/forum-tratar-da-inclusao-da-mulher-em-megaeventos>> Acesso em 01 ago. 2012.

CORREA, W.; FRANCHINI, E. Produção Acadêmica em lutas, artes marciais, e esportes de combate. **Motriz**, Rio Claro, v.16, n.1, p.01-09, jan./mar. 2010.

COSTA, A.J.J. A saúde dos atletas de alto-rendimento e os megaeventos esportivos. **EF Deportes Revista Digital**, Buenos Aires ano 16, n. 157, abr. 2011.

DORO, B. **Mulheres participam de todos esportes olímpicos pela primeira vez na história dos Jogos modernos**. Disponível em: <<http://olimpiadas.uol.com.br/noticias/redacao/2012/07/27/numero-de>

[mulheres-olimpicas-cresce-mas-performance-ainda-e-10-inferior-aos-homens.htm](#)>. Acesso em: 10 set. 2012.

ESPORTEMULHER.com. **Mulheres na luta**. Disponível em: <<http://www.esportemulher.com.br/noticia/mulheres-na-luta>> Acesso em: 23 set. 2012.

FARIAS, C.M. Conquista da cidadania pela mulher no espaço esportivo brasileiro: esboço histórico. **Revista Transdisciplinar Logos e Veritas**, Vol. 01, nº 02, 2014, pp. 25-32, ISSN 2318-9614.

FASTING, K.; PFISTER, G. Female and male coaches in the eye of soccer players. **European Physical Education Review**, v.6, n. 01, 91-110, 2000.

FERRETTI, M.A.C. **A formação das lutadoras: Estudo sobre mulheres que praticam modalidade luta**. Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

FERRETTI, M.A.C.; KINIJNIK, J.D. Mulheres podem praticar lutas? Um estudo sobre as representações sociais de lutadoras universitárias. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v.13, n. 01, p.57-80, jan-abr/2007.

FERRAZ, S. ALMEIDA, M. A. B. A inserção da mulher na arte marcial: o caso do kung fu. **Lecturas em educación física y deporte**, Buenos Aires, año 15, num. 166, mar.2012.

FETTER, J.C.S.S.; SILVA, E.M. A atleta, o técnico. O atleta, a técnica. Treinadores e atletas: questões de liderança e gênero. *In* **As Mulheres e o Esporte Olímpico Brasileiro**. São Paulo: Casapsi Livraria e Editora Ltda, 2011.

FILHO, V.S.F.; ROGÉRIO, Z.S.; ALEXANDRE, P.C.; TEIXEIRA, J.C. “Um arranjo produtivo em xeque”: campo, habitus e capital simbólico em um Arranjo Produtivo Local moveleiro em Minas Gerais. **Revista de Administração - RAUSP**, São Paulo, vol. 48, núm. 4, outubro-diciembre, 2013, pp. 671-687.

GASTALDO, E. L. **Kickboxer – esportes de combate e identidade masculina**. 1995. 185 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1995.

GIL, D.; GROSS, J., HUDDLESTON, S. Participation Motivation in Youth Sports. **International Journal of Sports Psychology**, V. 14, p 1-14, 1983.

GOELLNER, S. V. **A inserção da mulher no universo cultural do esporte**. Disponível em: <<https://historiadosporte.wordpress.com/2012/01/28/a-insercao-da-mulher-no-universo-cultural-do-esporte/>>. Acesso em: 28 nov. 2014.

_____, S. V. **As mulheres e as práticas corporais e esportivas no início deste século: beleza, saúde e feminilidade.** VI Congresso Brasileiro de História, Lazer e Educação Física, 1998.

_____, S. V. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica.** Ijuí: Unijuí, 2003.

_____, S.V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. Periódico científico da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás – **Pensar a Prática.** V.8 n.1 revisada, jul. 2006.

_____, S. V.. As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil no início do século XX. **Revista de História do Esporte,** Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-28. jun. 2008.

KONDRIC, M.; SINDIK J.; FURJAN-MANDIC, G.; SCHIEFLER, B. Participation Motivation and Student's Physical Activity among Sport Students in Three Countries. **Journal of Sports Science & Medicine,** Turquia, ano 12, ed. 1, p. 10–18, mar. 2013.

KOVALSKI, M.; FERREIRA, M.B.R. Estética, Corpo e Cultura. **Conexões:** revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 5, n. 2, p. 89-112, jul./dez. 2007.

LAPLANE, F.A.; DOBRANSZKY, E.A. Capital cultural: ensaios de análise inspirado nas idéias de P. Bourdieu. **Horizontes,** Bragança Paulista, n. 20, p.59-68, jan-dez. 2002.

LOYOLA, M.A. Sexualidade e medicina: a revolução do século XX. **Cad. Saúde Pública,** Rio de Janeiro, 19(4):875-899, jul-ago, 2003.

MESQUITA, A.; NASCIMENTO, I.S. A participação da mulher brasileira no esporte a partir dos anos 1980: o que de fato mudou? *In* **As Mulheres e o Esporte Olímpico Brasileiro.** São Paulo: Casapsi Livraria e Editora Ltda, 2011.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

MIRAGAYA, A. **As mulheres nos Jogos Olímpicos participação e inclusão social.** Disponível em:

<http://www.sportsinbrazil.com.br/livros/as_mulheres_jogos_olimpicos.pdf>.

Acesso em 10 set. 2012.

MIRANDA FILHO, V. F.; SANTOS, I. S. P. Mídia, mercadorização esportiva e o movimento de popularização do MMA. **Pensar a Prática,** Goiânia, v. 17, n. 3, p. 865-877, jul./set. 2014.

MORAES, C.B. ANTONELLI, R. **Mulheres ainda amargam salários e premiações inferiores aos dos homens.** Disponível em

<http://www.superesportes.com.br/app/19,66/2014/03/08/noticia_maisesportes,53274/>. Acesso em 22 nov.2014.

MOURA, D.L.; BENTO, G.S.; SANTOS, F.O.; LOVISOLO, H. Esporte, mulheres e masculinidade. **Esporte e Sociedade Revista Digital**, Brasil, ano 5, n. 13, nov.2009/fev.2010.

SOUZA, G.C. MOURÃO, L. **Mulheres do tatame: o judô feminino no Brasil**. Rio de Janeiro, Mauad, 2011.

OLIVEIRA, G.; CHEREM, E.H.L.; TUBINO, M.J.G. A inserção histórica da mulher no esporte. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília, 16(2): 117-125, 16.jun, 2008.

PEREIRA, F.M.; CHAVES, P.M. **A introdução feminina nos esportes "ditos masculinos"**. Disponível em <<http://www.partes.com.br/2012/11/26/a-introducao-feminina-nos-esportes/>>. Acesso em: 08 dez. 2014.

PERROT, M. **Minha História das Mulheres**. São Paulo, Contexto, 2007.

PRONI, M. W. Marketing e organização esportiva: elementos para uma história recente do esporte-espetáculo. **Conexões**: revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 1, n. 1, p. 82-94, jul/dez. 1998. ISSN: 1983 – 9030.

QUADRODEMEDALHAS.com. **Atletas do Brasil nos Jogos Olímpicos de Londres 2012**. Disponível em: <<http://www.quadrodemedilhas.com/olimpiadas/jogos-olimpicos-londres-2012/atletas-brasil-medalhas-olimpiadas-londres-2012.htm>>. Acesso em: 08 set. 2012.

RODRIGUES, W.C. **Metodologia Científica**. FAETEC/IST, Paracambi, 2007.

SALLIS, J. F.; HOVELL, M. F.; HOFSTETTER, C. R. Predictors of adoption and maintenance of vigorous physical activity in men and women. **Preventive Medicine**, v. 21, p. 237 – 251, 1992.

SALLIS, J. F.; PROCHASKA, J. J.; TAYLOR, W. C. A review of correlates of physical activity of children and adolescents. **Medicine and Science in Sports and Exercise**, v. 32, n. 5, p. 963 – 75, 2000.

SALVINI, L. **Novo Mundo Futebol Clube e o "velho mundo" do futebol: considerações sociológicas sobre *habitus* esportivo de jogadoras de futebol**. 2012. 192 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

SANCHES, S.M.; RUBIO, K. A prática esportiva como ferramenta educacional: trabalhando valores e a resiliência. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 4, p. 825-842, dez. 2011.

SANTOS, E. M.; PINHEIRO, M.L.N. Billy Elliot: das luvas de boxe às sapatilhas de balé, uma análise sociológica. **Revista Ensaios: “Extensões: Dossiê Pierre Bourdieu”**, Niterói, Rio de Janeiro, vol. 5, 2ª edição, p. 21-34, 2011.

SARRETA, C.R.L. Algumas reflexões do poder simbólico em relação ao consumo na globalização. **PERSPECTIVA**, Erechim. v.36, n.134, p.19-29, junho/2012.

SAUERBRONN, J. F. R.; BARROS, D. F. **Mulheres Emocionadas – Perspectivas Sociais dos Antecedentes Emocionais e a Construção de Significados e Valores de Consumo Femininos de Esporte**. In: EnANPAD – Encontro da ANPAD, 2005, Brasília. Distrito Federal: 2005.

SILVA, B.B.P.O. **Motivos de adesão e aderência ao boxe feminino em quatro academias de Curitiba-PR**. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Educação Física) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012. [Orientadores: André Mendes Capraro, Ph.D; Sidmar dos Santos Meurer, Mestre].

SILVA, G.O.V. Capital cultural, classe e gênero em Bourdieu. **Cad Prog Pós-Grad. Ci. Inf.**, v.1, n.2, p.24-36, jul./dez. 1995.

SILVA, G. P. Histórico da mulher no judô: preconceitos, estereótipos e discriminações. **Motrivivência**, Revista de Educação Física, Esporte e Lazer, Florianópolis, SC, num. 5, p.195-207, 1994.

SILVA, J.J.R.; DEL VECCHIO, F.B. **Análise do perfil dos técnicos de muay thai**. Trabalho apresentado o XX Congresso de Iniciação Científica e II Mostra Científica UFPEL, 2011.

SIMÕES, A.C. **Mulher e Esporte Mitos e Verdades**. 1ª edição brasileira. São Paulo: Editora Manole LTDA, 2003.

SIMÕES, A.C.; CORTEZ, J.A.A.; CONCEIÇÃO, P.F. Mulher e esporte de competição e rendimento: as várias fases do social, do biológico e do psicológico. In: SIMÕES, A.C.; KNIJNIK, J.C. **O mundo psicossocial da mulher no esporte: comportamento, gêneros, desempenho**. São Paulo: Aleph, 2004.

SOUSA, E. S. **“Meninos, à marcha! Meninas, à sombra! A história da educação física em Belo Horizonte (1897-1994)”**. Tese de doutorado em Educação. Campinas: Unicamp, 1994.

STIGGER, M. P. Relações entre o esporte de rendimento e o esporte na escola. **Revista Movimento**, vol. VII, núm.14, p. 67-89, jul. 2001.

SUKYS, S.; MAJAUSKIENÉ, D.; CESNAITIENE, V. J.; KARANAUSKIENE, D. Do Parents Exercise Habits Predict 13–18-Year-Old Adolescents Involvement in Sport?. **Journal of Sports Science & Medicine**, Turquia, ano 13, ed. 3, p. 522-528, set. 2014.

THIRY-CHERQUES, H.R. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **RAP**, Rio de Janeiro 40:27-55, Jan./Fev. 2006.

THOMAZINI, S.O.; MORAES, C.E.A.; ALMEIDA, F.Q. Controle de si, dor e representação feminina entre lutadores(as) de *Mixed Martial Arts*. **Pensar a Prática**, ano 11m, n. 3, set./dez/, 2008, p. 281-290.

TUBINO, M. J. G. **Estudos brasileiros sobre o esporte: ênfase no esporte-educação**. Maringá: Eduem, 2010.

VICENTE, M.X. **Mulher, lutadora, histórica**. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/esportes/olimpiadas/conteudo.phtml?id=1284621&tit=Mulher-lutadora-historica>>. Acesso em: 13 set. 2012.

WACQUANT, L. **Corpo e alma. Notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume Dumará: 2002.

_____, L. Esclarecer o habitus. **Educação & Linguagem**. Ano 10, n.16, jul./dez, 2007, p.63-71.

_____. L. **Notas para esclarecer a noção de habitus**. Artigo FoxIt Software. Abril de 2007. Disponível em <<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/WacquantArt.pdf>>. Acesso em setembro de 2014.

ANEXOS

ANEXO I

Roteiro de Entrevista para Atletas Amadoras e Profissionais	
Nome: _____	
Idade: _____ anos	
Estado Civil: () relacionamento estável () solteira	
Modalidade(s): _____	
Número de competições que participou: _____	
Categorias	Perguntas
<i>Habitus / Capital Cultural</i>	<p>Ambas:</p> <p>Algum familiar ou pessoa próxima praticava alguma modalidade de combate? (é uma prática comum na sua família? Quantos membros são praticantes de lutas?)</p> <p>Alguém a inspirou a praticar lutas? (quem, praticante ou não, porque?)</p> <p>Com que idade iniciou nas lutas? Como foi sua inserção?</p> <p>Quando se interessou por modalidades de combate? Por que começou a praticar?</p> <p>Pratica quais modalidades?</p> <p>Há quanto tempo?</p>
Destaque na sociedade	<p>Atleta amadora: Tem pretensões de se profissionalizar neste esporte? Por quê?</p> <p>Atleta profissional: O que a levou ao esporte (amador e profissional)? Está satisfeita (se não, o que falta)?</p>
Recompensa financeira / apoio / patrocínio	<p>Atletas amadoras e profissionais:</p> <p>Recebe bolsa/incentivo para treinar/lutar? Quanto? De quem? Esta quantia satisfaz suas necessidades financeiras?</p> <p>Se não recebe incentivo financeiro: O que acha de uma bolsa para mulheres atletas? Quanto seria um valor justo?</p> <p>Se investir financeiramente na modalidade: Espera recuperar futuramente esse investimento?</p>
Família	<p>Atletas amadoras e profissionais:</p> <p>Tem apoio familiar? Houve objeção? Acompanham seus treinos/lutas?</p> <p>Tem filhos? Como foi ser mãe e atleta?</p>

	Atletas profissional: Como concilia a vida familiar com treinos, competições?
Estética	Atletas amadoras e profissionais: Qual sua rotina de treino? Como o esporte modificou seu corpo? Se sente mais ou menos feminina com a prática do(s) esporte(s)?
Emancipação	Atletas amadoras e profissionais: As mulheres tem uma trajetória de interdições e lutas por sua emancipação e igualdade dentro das sociedades. Na sua opinião, como a inserção feminina nos esportes de combate pode contribuir para isto?
Preconceito	Atletas amadoras e profissionais: Sofreu/sofre algum tipo de preconceito? Comente. Na sua opinião, quais as expectativas da sociedade acerca do homem e da mulher atleta?
Desigualdade de gêneros	Atletas amadoras e profissionais: Na sua opinião, quais as diferenças nas oportunidades de acesso ao esporte/lutas para homens e mulheres? E se você fosse homem, o que acha que seria diferente no esporte? Considera o esporte uma prática masculina? - Se sim: Como se sente inserida no esporte e o que faz para mostrar que é capaz de praticar? - Se não: Quais traços seus de feminilidade ficam ressaltados nos treinos?
Significado do esporte	Atletas amadoras e profissionais: Qual o significado do esporte na sua vida?
	Atletas amadoras e profissionais: Existe algo que você queira falar ou considere importante que não foi abordado nesta entrevista?

ANEXO II

Roteiro de Entrevista para Treinadores(as)	
Nome: _____	
Idade: _____ anos	
Modalidade(s) com as quais trabalha com as mulheres: _____	
Categorias	Perguntas
<i>Habitus</i>	Há quanto tempo treina mulheres? Quais motivos o levaram a dedicar parte de seu trabalho aos treinos para mulheres? Sua atuação é predominante no treinamento de homens ou mulheres? Por quê? Por quê se deu essa mudança? (treinar mulheres?)
	Quais os objetivos iniciais de suas alunas com a prática das modalidades de combate? Eles continuam os mesmos ao longo da prática?
	O que acha sobre os eventos de lutas exclusivamente para mulheres (como o <i>Pink Fight</i> e o <i>Golden Girls</i>)? As seguintes perguntas dessa categoria serão feita apenas para o treinador fundador do <i>Golden Girls</i> : O que o levou a criar um evento exclusivamente feminino? Trabalha ou trabalhou também com eventos exclusivamente masculinos? Sim: Qual evento? Quais as principais diferenças e semelhanças, desde a estrutura até a realização das lutas? Há discrepância quanto a facilidade na aquisição de patrocinadores? E no que os patrocinadores oferecem, há diferenças? A premiação é a mesma para homens e mulheres? (Se não, comente as diferenças) Por evento, qual a média de lutas amadoras e profissionais? Há disputas de títulos (quais)? Qual a adesão do público? (sobram ingressos, faltam ingressos, ingressos pagos ou não, vê a necessidade de mais edições por ano) Qual a predominância, homens ou mulheres espectadores? E nos eventos masculinos? Da primeira edição para a última, o que mudou? (tamanho do espaço, quantidade de público, número de lutas, quantidade de

	patrocínio, valor das bolsas)
Preconceito	Já presenciou algum tipo de preconceito com suas alunas/atletas? Comente.
Emancipação	Você acredita que a participação das mulheres nas modalidades de combate contribui para a emancipação das mulheres? Comente.
Desigualdade de gêneros	Você acha que as modalidades de combate são práticas para mulheres? Comente. Há diferenciação nos treinos para mulheres e para homens? (metodologia, tipos de exercícios, volume de treino)
Recompensa financeira	Suas atletas somente treinam ou trabalham e treinam? O que acha da jornada dupla (trabalho/treino) para uma atleta? Suas atletas recebem algum tipo de remuneração financeira para treinarem e/ou competirem? Acha a quantia justa? E você, recebe a mesma quantia para treinar mulheres e homens? Você também atua como empresário de alguma atleta mulher? Se sim: qual o seu acordo? (não financeiramente, mas sim que serviços presta? Nutrição, médico, etc...) Empresaria homens também? A maioria é homem ou mulher? Qual remunera mais?